



SANGUE FINAL

Tradução de Renato Carreira

CHARLAINE HARRIS

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



VOLUMES PUBLICADOS NESTA SÉRIE:

Sangue Fresco
Dívida de Sangue
Clube de Sangue
Sangue Oculto
Sangue Furtivo
Traição de Sangue
Sangue Felino
Laços de Sangue
Sangue Mortífero
Segredos de Sangue
Um Toque de Sangue (contos)
Sangue Ardente
Sangue Impetuoso

Este livro é dedicado aos leitores leais que seguiram esta série do início até ao fim. Alguns liam os livros antes da série televisiva e alguns vieram depois, mas todos foram incrivelmente generosos com as vossas ideias, teorias e desejos para o futuro de Sookie. Seria impossível agradar a todos com o final e, por isso, segui o meu próprio plano, o plano que sempre mantive, e espero que concordem que é adequado.





Agradecimentos

Durante os últimos catorze anos, vivi com uma jovem chamada Sookie Stackhouse. Tornou-se tão familiar como as costas da minha mão. É quase inacreditável recordar que, depois de escrever o primeiro capítulo da sua história em 1999, o meu agente, Joshua Bilmes, teve dificuldades para encontrar um lar para Sookie. Dois anos depois, John Morgan, da Ace, achou que publicar *Sangue Fresco* seria uma boa ideia. Devo-lhes dois agradecimentos muito importantes. Joshua tem sido o meu agente durante toda a minha carreira literária e John continua a ser meu amigo.

Depois de John Morgan deixar a Penguin (temporariamente), fui entregue aos cuidados da conceituada editora Ginjer Buchanan. Teve vários assistentes, mas Kat Sherbo facilitou o projeto incrivelmente difícil de *The Sookie Stackhouse Companion*. E fê-lo com grande cuidado.

Gratidão enorme à artista que tornou as capas dos meus livros tão reconhecíveis. Lisa Desimini, abençoada sejas para todo o sempre.

Há demasiadas pessoas a quem preciso de agradecer e receio esquecer alguém, mas aqui vai. Para *Sangue Final*, o advogado Mike Epley deu-me conselhos valiosos, como fez em livros anteriores. Mike, obrigada pelo tempo que perdeste a responder a *e-mails* longos sobre mulheres que se envolvem em problemas jurídicos por namorarem com vampiros. Quaisquer erros que tenha cometido com a informação

que me facultou são da minha responsabilidade e não deverão pesar contra a excelência de Mike como advogado.

Não posso esquecer duas amigas que se tornaram minhas amigas e conselheiras, amigas que me deram as suas opiniões, que me transmitiram confiança e encorajamento ao longo dos últimos anos. Sem elas, isto teria sido muito mais difícil. Dana Cameron e Toni L.P. Kelner... Adoro-vos. FPC para sempre!

No que diz respeito ao meu *site*, www.charlaineharris.com, devo agradecer a dedicação de Dawn Fratini, que não fazia ideia daquilo em que se envolvia ou da forma como o número de visitas explodiria. Já que penso no *site*, permitam-me que agradeça também às minhas moderadoras, passadas e presentes, que não apenas me ajudaram em situações extremamente difíceis, como também se tornaram minhas amigas. As moderadoras eméritas incluem Katie Phalen, Debi Murray, Beverly Battillo e Kerri Sauer. As moderadoras que continuam a gerir o fórum de discussão incluem Victoria Koski, Michele Schubert, MariCarmen Eroles e Lindsay Barnett. Rebecca Melson também foi uma tremenda ajuda de muitas formas diferentes.

Finalmente, um enorme abraço de gratidão a Paula Woldan, também conhecida como *bffpaula*, minha assistente, minha grande amiga e a minha âncora nas viagens pelo desconhecido. Divertimo-nos muito com gente maravilhosa nas minhas viagens e pude descontraír e desfrutar porque Paula sabia sempre o que acontecia.

Victoria Koski, usando um chapéu completamente diferente do seu *stetson* de moderadora, subiu a bordo para me salvar do afogamento no mar de pormenores em que se transformou a série *Sangue Fresco*. Victoria assumiu o controlo do navio a tempo de o impedir de atingir os baixios e manteve-me no rumo certo desde então. Obrigada, editora de continuidade extraordinária.

Alan Ball, que adorou os meus livros, deu-me um incentivo incrível quando decidiu que dariam uma boa série televisiva. Obrigada, Alan, por horas de entretenimento e por algumas experiências extraordinárias que nunca teria se tu, Christina e Gianna não se tivessem tornado parte da minha vida.

Quando comecei a escrever a saga *Sangue Fresco*, a minha filha tinha oito anos. Agora, está a concluir a universidade. Esse facto, mais do que qualquer outro, faz-me perceber, chocada, que passei muito tempo a contar as aventuras de Sookie. Por isso, agradeço à minha família, sobretudo ao meu marido, por suportar as ausências, as distra-

ções, as visitas surpresa e a atenção embaraçosa de desconhecidos. Hal, Patrick, Timothy, Julia... Amo-vos mais que à própria vida. E os novos membros da nossa família são-me igualmente queridos.

A minha gratidão profunda a vocês, os leitores, pela vossa dedicação a estas personagens que criei e pelo tempo que nelas investiram. Obrigada por me acompanharem nos livros que cumpriram as minhas expectativas e nos livros que ficaram um pouco aquém delas. Sempre tentei dar-vos o meu melhor. Para mim, isso faz parte do contrato implícito entre autor e leitor. Agradeço a resposta incrivelmente emotiva que me deram.

Charlaine Harris





Prólogo

JANEIRO

O executivo de Nova Orleães cujo cabelo grisalho o colocava na casa dos cinquenta era acompanhado pelo seu guarda-costas/motorista muito mais novo e alto na noite em que se encontrou com o demónio no Bairro Francês. O encontro foi previamente combinado.

— É mesmo com o Demónio que nos vamos encontrar? — perguntou o guarda-costas. Estava tenso, mas isso não surpreendia.

— Não com *o* Demónio, mas com *um* demónio. — O executivo mantinha-se frio e composto, por fora, mas talvez nem tanto por dentro. — Desde que veio ao meu encontro no banquete da Câmara do Comércio, aprendi muitas coisas que não sabia. — Olhou em redor, tentando avistar a criatura com que concordara encontrar-se. Disse ao guarda-costas: — Convenceu-me de que era quem dizia ser. Sempre achei que a minha filha delirava. Achei que imaginava ter poder por querer ter alguma coisa... própria. Agora, estou disposto a admitir que tem um determinado talento, apesar de não se aproximar do que julga.

A noite de janeiro estava fria e húmida, mesmo para os padrões de Nova Orleães. O executivo moveu os pés sem sair do sítio para se manter quente. Continuou:

— Evidentemente, um encontro numa encruzilhada é tradicional. — A rua não estava tão movimentada como estaria no verão, mas, mesmo assim, havia turistas, nativos e gente que saíra para beber pre-

enchendo os estabelecimentos de diversão noturna. Disse a si mesmo que não sentia medo. — Ah. Aí vem ele — disse.

O demónio era um homem bem vestido, tal como o executivo. A sua gravata era *Hermès*. O seu fato, italiano. Os seus sapatos tinham sido feitos por encomenda. Os olhos eram invulgarmente límpidos, de branco brilhante e íris de um castanho-arroxeadado. Pareciam quase vermelhos de alguns ângulos.

— Que me trouxe? — perguntou o demónio, com uma voz que indicava interesse mínimo.

— Duas almas — respondeu o executivo. — O Tyrese aceitou acompanhar-me.

O demónio olhou para o guarda-costas. Após um momento, este acenou-lhe com a cabeça. Era um homem corpulento, um negro de pele clara com olhos brilhantes cor de avelã.

— De tua própria vontade? — perguntou o demónio, num tom neutral. — Ambos?

— De minha própria vontade — respondeu o executivo.

— De minha própria vontade — afirmou o guarda-costas.

O demónio disse:

— Nesse caso, falemos de negócios.

«Negócios» era uma palavra que deixava confortável o homem mais velho. Sorriu.

— Magnífico. Tenho os documentos aqui e estão assinados. — Tyrese abriu uma pasta fina de couro e retirou duas folhas de papel. Não era pergaminho nem pele humana, nada tão dramático ou exótico. Apenas papel para impressora que a secretária do gabinete do executivo comprara na *OfficeMax*. Tyrese estendeu os papéis ao demónio, que os fitou brevemente.

— Terão de os assinar novamente — disse o demónio. — Para esta assinatura, a tinta não será satisfatória.

— Pensei que estivesse a brincar. — O executivo franziu a testa.

— Nunca brinco — replicou o demónio. — Tenho sentido de humor. Acredite que sim. Mas não no que diz respeito a contratos.

— Temos mesmo de...?

— Assinar com sangue? Claro que sim. É tradicional. E fá-lo-ão agora. — Interpretou corretamente o olhar oblíquo do executivo. — Prometo que ninguém verá o que fazem — assegurou. Enquanto o demónio falava, um silvo repentino rodeou-os aos três e uma película espessa separou-os do resto da rua.

O executivo suspirou profundamente para mostrar como considerava aquela tradição melodramática.

— Tyrese, a tua faca? — disse, olhando para o motorista.

A faca de Tyrese surgiu-lhe na mão com uma rapidez chocante, provavelmente deslizando da manga. A lâmina era obviamente afiada e refletia as luzes da rua. O executivo despiu o casaco e passou-o ao seu companheiro. Desabotoou o punho da camisa e arregaçou a manga. Talvez para fazer o demónio perceber como era duro, cravou a ponta da faca no braço esquerdo. Um lento fio de sangue recompensou o seu esforço e olhou para o demónio na face enquanto aceitava a pena que, de alguma forma, lhe surgira na mão... com um movimento ainda mais subtil do que aquele com que Tyrese lhe passara a faca. Mergulhando a pena no sangue, o executivo assinou o primeiro documento enquanto o motorista o prendia sob a pasta de couro.

Depois de assinar, devolveu a faca ao motorista e vestiu o casaco. O motorista repetiu o procedimento do seu empregador. Uma vez assinado o seu contrato, soprou-o para secar o sangue como se tivesse assinado com um marcador e a tinta pudesse borrar.

O demónio sorriu depois de obter as assinaturas. Quando o fez, deixou de parecer um homem de negócios próspero.

Parecia demasiado feliz.

— Tem direito a um bónus de assinatura — disse ao executivo. — Já que me trouxe outra alma. A propósito, como se sente?

— Como sempre me senti — respondeu o executivo. Abotoou o casaco. — Talvez um pouco irritado. — Esboçou um sorriso repentino. Os seus dentes pareciam tão afiados e brilhantes como a faca. — Como estás, Tyrese? — perguntou ao seu empregado.

— Um pouco inquieto — admitiu Tyrese. — Mas ficarei bem.

— São ambas pessoas más — disse o demónio, sem qualquer juízo na voz apesar do qualificativo. — As alma dos inocentes são mais doces. Mas é um prazer receber as vossas. Suponho que se limitarão aos desejos habituais. Prosperidade? A derrota dos vossos inimigos?

— Sim, quero isso — respondeu o executivo com sinceridade apaixonada. — E tenho mais alguns pedidos, já que mereci um bónus de assinatura. Ou poderei recebê-lo em dinheiro?

— Ah — disse o demónio, esboçando um sorriso ligeiro. — Não negoceio em dinheiro. Apenas em favores.

— Posso voltar a contactá-lo a esse respeito? — perguntou o executivo após pensar durante alguns instantes. — Pedir um adiamento?

O demónio pareceu vagamente interessado.

— Não quer um *Alfa Romeo*, uma noite com Nicole Kidman ou a maior casa do Bairro Francês?

O executivo abanou a cabeça de forma determinada.

— De certeza que me lembrarei de alguma coia que queira. Quando acontecer, quero ter boas hipóteses de a conseguir. Fui um homem de sucesso até ao Katrina. Depois do Katrina, achei que seria rico por ter um negócio de madeira. Todos precisavam de madeira. — Inspirou fundo. Continuou a contar a sua história apesar de o demónio parecer aborrecido. — Mas assegurar uma linha de fornecimentos foi difícil. Muita gente não tinha dinheiro para gastar porque tinham ficado arruinados e os restantes tiveram de esperar pelo dinheiro dos seguros. Cometi alguns erros. Acreditei que construtores irresponsáveis e oportunistas pagariam a tempo... O meu negócio acabou por se esticar demasiado, com toda a gente a dever-me dinheiro e com o meu crédito tão forçado como um preservativo enfiado por um elefante abaixo. E isto começa a saber-se. — Olhou para baixo. — Perco a influência que já tive nesta cidade.

Era possível que o demónio soubesse tudo aquilo e tivesse sido esse o motivo da sua abordagem ao executivo. Claramente, não se interessava pela narração das suas mágoas.

— Prosperidade, então? — perguntou, bruscamente. — E anseio pelo pedido especial. Tyrese, o que queres? A tua alma também me pertence.

— Não acredito em almas — respondeu Tyrese, secamente. — Acho que o meu patrão também não acredita. Não nos custa dar-lhe o que não acreditamos ter. — Sorriu ao demónio. Era um sorriso de homem para homem, o que foi um erro. O demónio estava muito longe de ser um homem.

O sorriso foi-lhe retribuído. Imediatamente, o sorriso de Tyrese desvaneceu-se.

— O que queres? — repetiu o demónio. — Não voltarei a perguntar.

— Quero a Gypsy Kidd. O nome verdadeiro dela é Katy Sherboni, se precisar de saber. Trabalha no *Bourbon Street Babes*. Quero que me ame como a amo a ela.

O executivo olhou para o seu empregado, parecendo desiludido.

— Tyrese, preferia que tivesses pedido algo mais duradouro. O sexo está por toda a parte em Nova Orleães e as raparigas como a Gypsy são baratas.

— Está enganado — disse Tyrese. — Acho que não tenho alma, mas sei que o amor só acontece uma vez na vida. Amo a Gypsy. Se me amar, serei um homem feliz. E, se ganhar dinheiro, patrão, eu também ganho. Terei o suficiente. Não sou ganancioso.

— Adoro a ganância — disse o demónio, quase com gentileza. — Poderás desejar ter pedido títulos do Tesouro, Tyrese.

O motorista abanou a cabeça.

— Estou satisfeito com o meu pedido. Se me der a Gypsy, o resto correrá bem. Sei que sim.

O demónio fitou-o com uma expressão muito semelhante a piedade, se tal emoção lhe fosse possível.

— Divirtam-se, ouviram? — disse aos dois homens recentemente despojados das suas almas. Não conseguiram perceber se troçava deles ou se era sincero. — Tyrese, não voltarás a ver-me até ao nosso encontro final. — Virou-se para o executivo. — Quanto a nós, encontrar-nos-emos algures no futuro, caro senhor. Bastará que me chame quando estiver pronto para receber o seu bónus de assinatura. Aqui tem o meu cartão.

O executivo recebeu o cartão branco. A única inscrição era um número de telefone. Não era o mesmo número que marcara para combinar o primeiro encontro.

— Mas e se for daqui a anos? — perguntou.

— Não será — respondeu o demónio, mas a sua voz estava mais distante. O executivo ergueu o olhar e viu-o a meio quarteirão de distância. Após mais sete passos, pareceu fundir-se com o passeio sujo, deixando apenas uma marca da sua presença no ar húmido e frio.

O executivo e o motorista viraram-se e caminharam apressados na direção oposta. O motorista não voltou a ver aquela versão do demónio. O executivo não o viu até junho.

JUNHO

A grande distância, um homem alto e magro repousava numa praia em Baja. Não estava num dos centros turísticos onde poderia encontrar muitos outros gringos que talvez o reconhecessem. Alimentava o negócio de um bar delapidado. Na verdade, assemelhava-se mais a uma cabana. Por uma pequena quantia em dinheiro, o proprietário alugava aos clientes uma grande toalha e um guarda-sol e enviava o filho para encher o seu copo. Enquanto continuasse a beber.

Mesmo que o homem alto bebesse apenas *Coca-Cola*, pagava-a a um preço muito elevado, apesar de não o perceber ou talvez não se importando. Sentava-se sobre a toalha, encolhido sob a sombra do guarda-sol, usando um chapéu, óculos de sol e calções de banho. Perto dele, havia uma mochila envelhecida e os seus chinelos de enfiar no dedo tinham sido colocados na areia a seu lado, emitindo um cheiro ténue a borracha quente. O homem alto ouvia algo num *iPod* e o seu sorriso indicava que lhe agradava muito o que ouvia. Ergueu o chapéu para passar os dedos pelo cabelo. Era louro-dourado, mas as raízes traíam o grisalho na sua cor natural. Avaliando pelo corpo, rondaria os quarenta anos. Tinha uma cabeça pequena por comparação com os ombros largos e não parecia um homem habituado a trabalho físico. Também não parecia rico. Toda a indumentária, os chinelos, os calções, o chapéu e a camisa que despira, tinham vindo de um *Wal-Mart* ou de uma loja ainda mais barata.

Não era recomendável parecer rico em Baja, não com a situação atual. Não era seguro. Os gringos não eram poupados à violência e a maioria dos turistas não saía dos hotéis, chegando e partindo de avião e evitando assim atravessar o território. Havia outros estrangeiros por perto, sobretudo homens solteiros aparentando desespero... ou secretismo. Preferiam manter em segredo os seus motivos para escolherem um sítio tão pouco recomendável para viver. Fazer perguntas podia provocar problemas de saúde.

Um destes estrangeiros, um recém-chegado, foi sentar-se perto do homem alto, demasiado perto para que tal proximidade pudesse ser acidental numa praia com um povoamento tão escasso. O homem alto dirigiu ao recém-chegado um olhar desagradado de soslaio escondido pelos óculos escuros, que se notava serem graduados. Era um homem de trinta e muitos anos, nem alto nem baixo, nem bonito nem feio, sem ser escanzelado ou musculado. Fisicamente, era médio em todos os aspetos. Aquele homem médio observara o homem alto há alguns dias e o homem alto soubera que acabaria por se aproximar.

O homem médio escolhera cuidadosamente o momento mais indicado. Estavam os dois sentados num local na praia onde mais ninguém poderia ouvi-los ou aproximar-se deles sem ser visto. E, mesmo com os satélites em órbita, era também provável que ninguém conseguisse vê-los sem ser visto. O homem alto estava quase totalmente oculto sob o guarda-sol. Viu que o seu visitante se sentava à sombra.

— O que ouve? — perguntou o homem médio, apontando os auscultadores inseridos nos ouvidos do homem alto.

Tinha um sotaque ligeiro. Talvez alemão? De um desses países europeus, sem dúvida, pensou o homem alto, que não viajara muito. O recém-chegado tinha também um sorriso notavelmente desagradável. Parecia normal, com os lábios abertos e os dentes expostos, mas, de alguma forma, o efeito fazia lembrar mais um animal expondo os dentes antes de uma dentada.

— É larilas? Não estou interessado — disse o homem alto. — Acho que será julgado pelo fogo do Inferno.

O homem médio disse:

— Gosto de mulheres. Muito. Às vezes, mais do que elas querem. — O seu sorriso tornou-se feroz. E voltou a perguntar: — O que ouve?

O homem alto pensou, fitando fixamente o seu companheiro. Mas há dias que não falava com ninguém. Por fim, optou pela verdade.

— Ouço um sermão — disse.

O homem médio esboçou apenas surpresa ligeira.

— A sério? Um sermão? Não teria adivinhado que era um homem do clero. — Mas o seu sorriso dizia o contrário. O homem alto começou a sentir-se incomodado. Começou a pensar na arma na sua mochila, a menos de um braço de distância. Pelo menos, abrira as fivelas quando a pousara.

— Estaria enganado, mas Deus não o castigará por isso — disse o homem alto calmamente, esboçando um sorriso compreensivo. — Estou a ouvir um dos meus velhos sermões. Transmitia a verdade de Deus às massas.

— Ninguém acreditou no que dizia? — O homem médio inclinou a cabeça, curioso.

— Muitos acreditaram no que dizia. Atraí uma grande multidão de seguidores. Mas uma rapariga chamada... Uma rapariga provocou a minha queda. E mandou a minha mulher para a prisão, de certa forma.

— O nome dessa rapariga seria Sookie Stackhouse? — perguntou o homem médio, retirando os óculos escuros para expor olhos incrivelmente claros.

A cabeça do homem alto virou-se na sua direção.

— Como sabe? — perguntou.

JUNHO

O demónio comia *beignets* com fastio quando o homem de negócios se aproximou da mesa no exterior. Notou a alegria nos passos de Co-

pley Carmichael. Parecia ainda mais próspero do que quando estava falido. Tornara-se presença frequente na secção económica do jornal por aqueles dias. Uma injeção de capital fizera-o recuperar muito rapidamente o estatuto de potência económica em Nova Orleães e a sua influência política ampliara-se com o dinheiro que canalizava para a economia periclitante de Nova Orleães, que sofrera um golpe pesado com o Katrina. A todos os que perguntassem, o demónio apressava-se a dizer que não tivera qualquer responsabilidade no furacão.

Carmichael parecia saudável e vigoroso, dez anos mais jovem do que era. Sentou-se à mesa do demónio sem qualquer saudação.

— Onde está o seu homem, Sr. Carmichael? — perguntou o demónio, após um gole de café.

Carmichael estava ocupado a pedir uma bebida ao empregado, mas, quando o jovem se afastou, disse:

— O Tyrese tem tido problemas e dei-lhe alguns dias de folga.

— É a jovem? Gypsy?

— Claro — disse Carmichael, com um esgar que não chegava a ser um sorriso de troça. — Sabia que, se a pedisse, não lhe agradaria o resultado, mas estava tão certo de que o amor verdadeiro triunfaria.

— E não triunfou?

— Sim, é doída por ele. Ama-o tanto que fazem sexo constantemente. Não consegue evitar, mesmo sabendo que é seropositiva... um facto que não partilhou com o Tyrese.

— Ah — disse o demónio. — Esse vírus não é obra minha. E como está Tyrese?

— Está seropositivo — disse Carmichael, encolhendo os ombros. — Trata-se e já não é a sentença de morte que foi outrora. Mas deixou-o bastante abatido. — Carmichael abanou a cabeça. — Sempre achei que tivesse mais juízo.

— Sei que quer pedir o seu bónus de assinatura — disse o demónio. Carmichael não percebeu a ligação entre os dois factos.

— Sim — admitiu Carmichael. Sorriu ao demónio e inclinou-se para diante em jeito de confidência. Disse, num sussurro quase inaudível: — Sei muito bem o que quero. Quero que me encontre um cluviel dor.

O demónio pareceu genuinamente surpreso.

— Como soube da existência de um objeto tão raro?

— A minha filha referiu-o em conversa — respondeu Carmichael sem qualquer indício de vergonha. — Pareceu-me interessante, mas parou de falar antes de me dizer o nome da pessoa que supostamen-

te possui um. Por isso, mandei alguém entrar-lhe na conta de *e-mail*. Deveria tê-lo feito antes. Tem sido muito esclarecedor. Vive com um sujeito em quem não confio. Depois da nossa última conversa, ficou tão irritada comigo que se tem recusado a ver-me. Agora, posso manter-me informado a seu respeito sem que saiba. Posso protegê-la das más decisões que tome.

Era absolutamente sincero naquela afirmação. O demónio viu que Carmichael acreditava amar a sua filha e saber sempre o que seria melhor para ela.

— Então Amelia falou com alguém sobre um cluviel dor — disse o demónio. — E isso fê-la discutir o assunto consigo. Muito interessante. Ninguém tem um... desde que me lembro. Terá sido feito pelas fadas... e compreenderá que não são criaturas minúsculas e adoráveis com asas.

Carmichael acenou afirmativamente.

— Espanta-me descobrir o que existe no mundo — disse. — Passo a ter de acreditar em fadas. E terei de admitir que talvez a minha filha não seja louca, afinal. Apesar de acreditar que se ilude quanto às reais dimensões do seu poder.

O demónio arqueou as sobrancelhas perfeitas. Parecia haver mais do que uma pessoa iludida na família Carmichael.

— Acerca do cluviel dor... os fae usaram-nos todos. Não acredito que reste algum na terra e não posso entrar em Faery desde as perturbações. Algumas coisas foram expulsas de Faery... mas nada pode entrar. — Pareceu vagamente magoado.

— Há um cluviel dor disponível e, pelo que percebo, tem sido escondido por uma amiga da minha filha — disse Copley Carmichael. — Sei que conseguirá encontrá-lo.

— Fascinante — exclamou o demónio com toda a sinceridade. — E para que quer usá-lo depois de o encontrar?

— Quero recuperar a minha filha — disse Carmichael. A intensidade das suas palavras era quase palpável. — Quero o poder de mudar a sua vida. Saberei o que desejar quando o localizar. A mulher que sabe onde está... não o cederá de bom grado. Foi uma herança da sua avó e não é grande apreciadora minha.

O demónio voltou a face para o Sol matinal e, por um breve momento, um brilho vermelho iluminou-lhe os olhos.

— Vá-se lá saber porquê. Tratarei de tudo. Como se chama a amiga da sua filha que poderá conhecer o paradeiro do cluviel dor?

— Vive em Bon Temps. Fica no Norte, perto de Shreveport. Chama-se Sookie Stackhouse.

O demónio acenou lentamente com a cabeça.

— Já ouvi esse nome.

JULHO

Na ocasião seguinte em que o demónio se encontrou com Copley Carmichael, três dias depois da sua conversa no *Café du Monde*, passou pela sua mesa no *Commander's Palace*. Carmichael esperava o jantar e estava ocupado a falar ao telefone com um empreiteiro que queria ampliar o seu crédito. Mostrava-se pouco inclinado a aceitar e explicou porquê de forma clara. Quando ergueu o olhar, o demónio encontrava-se à sua frente vestindo o mesmo fato que lhe vira quando se encontraram pela primeira vez. Parecia tranquilo e impecável.

Enquanto Carmichael pousava o telefone, o demónio ocupou a cadeira à frente da sua.

Carmichael deu um salto ao reconhecer o demónio. E, porque odiava surpresas, foi pouco sensato. Rosnou:

— Que diabo quer? Porque veio aqui? Não pedi que me procurasse!

— Que diabo, sim — replicou o demónio, parecendo não ter ficado ofendido. Pediu um *whiskey* de malte puro ao empregado que lhe surgiu atrás. — Presumi que quisesse ouvir notícias do seu cluviel dor.

A expressão de Carmichael alterou-se imediatamente.

— Encontrou-o! Tem-no consigo!

— Infelizmente, Sr. Carmichael, não o tenho — disse o demónio. (Não pareceu triste.) — Algo bastante inesperado anulou os nossos planos. — O empregado depositou o *whiskey* com algum formalismo e o demónio bebeu um gole e aprovou com um aceno.

— O que foi? — perguntou Carmichael, com a raiva quase a impedi-lo de falar.

— A menina Stackhouse usou o cluviel dor e a sua magia foi esgotada.

Seguiu-se um momento de silêncio tenso que muito agradou ao demónio.

— Quero-a arruinada — disse Copley Carmichael num tom venenoso, mantendo a voz baixa com enorme esforço. — Ajudar-me-á. É o que peço em vez do cluviel dor.

— Ah. Esgotou o seu bónus de assinatura, Sr. Carmichael. Não pode ser ganancioso.

— Mas não me obteve o cluviel dor! — Mesmo sendo um homem de negócios experiente, Carmichael estava espantado e enraivecido.

— Encontrei-o e estava pronto para lho retirar do bolso — disse o demónio. — Possuí o corpo de alguém que estava imediatamente atrás. Mas ela usou-o antes que pudesse extraí-lo. Pediu-me que o encontrasse. Usou essa palavra duas vezes e usou uma vez a palavra «localizar». O nosso acordo está concluído. — Esvaziou o copo.

— Pelo menos, ajude-me a vingar-me dela — disse Carmichael, com a cara vermelha de fúria. — Traiu-nos aos dois.

— A mim não — disse o demónio. — Vi a menina Stackhouse de perto e conversei com muitas pessoas que a conhecem. Parece uma mulher interessante. Não tenho qualquer motivo para lhe desejar mal. — Ergueu-se. — Aliás, se aceitar um conselho, recomendo-lhe que se afaste. Tem amigos poderosos. Entre os quais se conta a sua filha.

— A minha filha é uma mulher que convive com bruxas — disse Carmichael. — Nunca conseguiu ganhar a vida sem ajuda. Tenho investigado os seus «amigos» de forma muito discreta. — Suspirou, parecendo simultaneamente irritado e exasperado. — Compreendo que o seu poder existe. Passei a acreditar. Com relutância. Mas que fizeram com esse poder? Os mais poderosos entre eles vivem numa barraca. — Bateu com os nós dos dedos na mesa. — A minha filha poderia ser uma força determinante na sociedade de Nova Orleães. Poderia trabalhar para mim e fazer vários tipos de trabalho de caridade, mas, em vez disso, vive no seu mundinho isolado com o seu namorado falhado. Tal como a sua amiga Sookie. Mas conseguirei ajustar contas com ela. Quantos amigos poderosos poderá ter uma empregada?

O demónio olhou para a sua esquerda. A duas mesas de distância sentava-se um homem muito arredondado com cabelo escuro, que ocupava sozinho uma mesa coberta de comida. O homem muito arredondado enfrentou o olhar do demónio sem pestanejar ou afastar os olhos, algo que poucos homens conseguiriam fazer. Após um longo momento, trocaram um aceno de cabeça.

Carmichael fitava o demónio com ódio.

— Já não lhe devo nada por Tyrese — disse-lhe este. — E pertence-me para sempre. Considerando o seu rumo presente, será meu mais depressa do que esperava. — Sorriu, transformando a face suave numa máscara tenebrosa enquanto se erguia e partia.

Carmichael sentiu-se ainda mais furioso por ser obrigado a pagar o *whiskey* do demónio. Nem sequer notara a presença do homem muito arredondado. Mas o homem muito arredondado notara a sua.



1

Na manhã após ter ressuscitado o meu patrão, acordei e encontrei-o meio vestido sentado numa *chaise longue* no meu quintal. Seriam dez horas da manhã num dia de julho e o sol banhava o quintal com um calor luminoso. O cabelo de Sam transformara-se num emaranhado brilhante de vermelho e dourado. Abriu os olhos quando descí os degraus e atravesssei o quintal. Vestia ainda a camisa de dormir e nem sequer queria pensar no cabelo. Era, basicamente, um amontoado de nós.

— Como te sentes? — perguntei com voz muito baixa. Tinha a garganta dorida dos gritos da noite anterior, quando encontrei Sam a sangrar no pátio da casa rústica que Alcide Herveaux herdara do pai. Sam encolheu as pernas para me dar espaço na cadeira. Tinha as calças de ganga salpicadas com o seu sangue seco. Estava em tronco nu. A camisa teria estado além de qualquer salvação.

Não respondeu durante muito tempo. Apesar da autorização tácita para me sentar com ele, parecia não ter acolhido bem a minha presença. Por fim, disse:

— Não sei como me sinto. Sinto que não sou eu. É como se algo dentro de mim tivesse mudado.

Encolhi-me. Receara aquilo mesmo.

— Eu sei... Quer dizer, disseram-me... que a magia tem sempre um preço — disse-lhe. — Mas pensei que seria eu a pagá-lo. Desculpa.

— Trouxeste-me de volta — disse, sem emoção. — Penso que isso valerá o pequeno período de ajustamento. — Não sorriu.

Movi-me sobre a cadeira, inquieta.

— Há quanto tempo estás aqui fora? — perguntei. — Posso trazer-te sumo de laranja ou café? Alguma coisa para o pequeno-almoço?

— Saí há algumas horas — explicou. — Deitei-me no chão. Precisava de voltar a entrar em contacto.

— Com o quê? — Poderia não estar tão desperta como julgava estar.

— Com o meu lado natural — respondeu, de forma muito lenta e deliberada. — Os metamorfos são filhos da natureza. Porque podemos transformar-nos em tanta coisa diferente. É essa a nossa mitologia. Antes de nos misturarmos com os humanos, costumávamos dizer que, quando fomos criados, a mãe de toda a natureza desejou uma criatura tão versátil que conseguisse substituir qualquer espécie que desaparecesse. E essa criatura foi o metamorfo. Podia olhar para uma fotografia de um tigre-dentes-de-sabre e transformar-me num. Sabias disso?

— Não — respondi.

— Acho que vou para casa. Vou para a minha caravana e... — Calou-se.

— E o quê?

— E vou procurar uma camisa — disse, por fim. — Sinto-me muito estranho. O teu quintal é fantástico.

Senti-me confusa e um pouco preocupada. Parte de mim via que Sam precisaria de algum tempo sozinho para recuperar do trauma de morrer e regressar. Mas a outra parte de mim, a que conhecera Sam durante anos, sentia-se preocupada por soar tão diferente do Sam que conhecia. Fora sua amiga, empregada, interesse romântico ocasional e sócia, tudo isso e mais, durante os anos anteriores. Poderia ter jurado que não conseguiria surpreender-me.

Segui-lhe os movimentos com olhos semicerrados enquanto retirava as chaves do bolso das calças de ganga. Levantei-me para lhe dar espaço para se levantar e vi-o caminhar até à carrinha. Entrou na cabina e olhou-me através do para-brisas durante um longo momento. A seguir, girou a chave na ignição. Ergueu a mão e senti uma onda de prazer. Abriria a janela. Chamar-me-ia para se despedir. Mas Sam recuou, inverteu a marcha e dirigiu-se lentamente pela estrada abaixo até à Hummingbird Road. Partiu sem uma palavra. Nada de «até logo», «muito obrigado» ou «vai-te lixar».

E que quisera dizer quando referiu que o meu quintal era fantástico? Estivera ali dúzias de vezes.

Esse pormenor, pelo menos, foi rapidamente esclarecido. Enquanto me virava para entrar novamente em casa, pisando relva extraordinariamente verde, reparei que os meus três tomateiros, semeados semanas antes, estavam carregados com frutos vermelhos maduros. Ver aquilo fez-me parar. Quando acontecera? Na última ocasião em que notara a sua presença, talvez na semana anterior, pareciam ressequidos e muito necessitados de água e de fertilizante. O da esquerda parecia prestes a bater as botas (se as plantas pudessem calçar botas). Naquele momento, as três plantas estavam viçosas e verdejantes, vergadas pelo peso dos frutos. Era como se alguém as tivesse regado com uma versão reforçada de fertilizante milagroso.

Com a boca escancarada, girei para observar todas as outras flores e plantas no quintal e eram em grande número. Muitas das mulheres da família Stackhouse tinham sido jardineiras fervorosas e tinham plantado rosas, margaridas, hidrângeas, pereiras... tantas coisas verdes tinham sido plantadas por gerações de mulheres Stackhouse. E eu tinha feito um péssimo trabalho no seu cuidado.

Mas... que raio? Enquanto passara os dias anteriores deprimida, o quintal inteiro tinha tomado esteroides. Ou talvez tivesse sido visitado pela fada da jardinagem. Tudo o que podia ter flores estava coberto com pétalas garridas e tudo o que dava fruto tinha os ramos carregados. O resto estava verde, brilhante e denso. Como acontecera aquilo?

Colhi alguns tomates particularmente maduros e redondos para levar para dentro. Percebia já que uma sandes de bacon e tomate seria a minha escolha para o almoço, mas, antes disso, tinha algumas coisas para fazer.

Encontrei o telemóvel e procurei na lista de contactos. Sim, tinha o número de Bernadette Merlotte. Bernadette, a quem chamavam Bernie, era a mãe metamorfa de Sam. Apesar de a minha mãe ter morrido quando tinha sete anos (o que talvez me impeça de fazer uma avaliação correta), Sam parecia ter um bom relacionamento com Bernie. Se alguma vez houvera um momento indicado para convocar uma mãe, seria aquele.

Não direi que tivemos uma conversa confortável e foi mais breve do que deveria, mas, quando desliguei, Bernie Merlotte começou a fazer a mala para vir a Bon Temps. Chegaria no fim da tarde.

Fora a melhor escolha? Depois de pensar no assunto, decidi que tomara

a melhor decisão e decidi também que precisava de um dia de folga. Talvez de mais do que um dia. Liguei para o *Merlotte's* e informei Kennedy de que estava engripada. Aceitou chamar-me se houvesse uma emergência e permitir-me tempo para recuperar.

— Achava que ninguém apanhava gripe em julho. Mas o Sam ligou e disse a mesma coisa — afirmou Kennedy, percebendo-se um sorriso na sua voz.

Pensei: *Bolas*.

— Talvez a tenham pegado um ao outro? — sugeriu, com malícia.

Não disse nada.

— Está bem. Ligo-te só se o bar pegar fogo — disse-me. — Diver-te-te com a recuperação da gripe.

Recusei preocupar-me com os rumores que seguramente começariam a circular. Dormi muito e chorei muito. Limpei todas as gavetas do meu quarto: mesa de cabeceira, cómoda, toucador. Deitei fora coisas inúteis e arrumei o resto de uma forma que me pareceu sensata. E esperei receber notícias... de alguém.

Mas o telefone não tocou. Ninguém ligou e não aconteceu nada. Apenas os tomates eram abundantes. Comi-os em sandes e, assim que os maduros eram comidos, os tomateiros cobriram-se com tomates verdes. Fritei alguns dos verdes e, quando os restantes amadureceram, fiz molho de tomate pela primeira vez na vida. As flores não pararam de surgir até ter uma jarra cheia em quase todas as divisões da casa. Fui mesmo ao cemitério para colocar algumas na campa da minha avó e deixei um ramo no alpendre de Bill. Se pudesse comê-las, prepararia um prato cheio para cada refeição.

NOUTRA PARTE

A mulher ruiva saiu pela porta da prisão, lentamente e desconfiada, como se receasse uma partida de mau gosto. O sol intenso fê-la pestanejar e começou a caminhar em direção à estrada. Havia um carro estacionado, mas não lhe prestou atenção. Nunca lhe ocorrera que os ocupantes poderiam esperá-la.

Um homem de altura média saiu do lugar ao lado do condutor. Era assim que o via: médio. O seu cabelo era de um castanho médio, tinha altura média, constituição física média e um sorriso médio. Os seus dentes, no entanto, reluziam, brancos e perfeitos. Óculos escuros escondiam-lhe os olhos.

— Menina Fowler — chamou. — Viemos buscá-la.

Voltou-se para ele, hesitante. O sol batia-lhe nos olhos e semicerrou-os. Sobrevivera a muita coisa: casamentos desfeitos, relacionamentos terminados, gravidez solteira, traições, um ferimento de bala. Não pretendia tornar-se um alvo fácil.

— Quem é você? — perguntou, erguendo-se com determinação, apesar de saber que o sol expunha sem misericórdia todas as rugas na sua face e todas as falhas na tinta barata para o cabelo que aplicara na casa de banho da prisão.

— Não me reconhece? Conhecemo-nos na audiência. — A voz do homem médio era quase gentil. Tirou os óculos e uma campainha de reconhecimento tilintou-lhe dentro da cabeça.

— É o advogado. O que conseguiu a minha libertação — disse, sorrindo. — Não sei porque o fez, mas devo-lhe isso. Não precisava de estar presa. Quero ver os meus filhos.

— Vê-los-á — disse-lhe. — Faça favor. — Abriu a porta de trás do carro e gesticulou-lhe que entrasse. — Peço desculpa. Deveria ter-lhe chamado Sra. Fowler.

Entrou com agrado, grata pelo conforto do assento almofadado, encantada pelo ar condicionado. Era maior conforto físico do que sentira em muitos meses. Ninguém apreciava assentos macios e cortesia (ou bons colchões e toalhas grossas) até desaparecerem.

— Fui senhora algumas vezes. E também fui menina — disse. — Não importa o que me chame. Que belo carro.

— Ainda bem que lhe agrada — disse o condutor, um homem alto com cabelo grisalho cortado rente. Virou-se para fitar a mulher ruiva e sorriu-lhe. Tirou os óculos escuros.

— Santo Deus — exclamou ela, num tom completamente diferente. — É mesmo você! Em carne e osso! Pensei que estivesse preso, mas está aqui. — Estava espantada e confusa em partes iguais.

— Sim, irmã — disse-lhe. — Sei que foi uma fiel dedicada e que provou o seu valor. E agradeço-lhe tirando-a da prisão, onde nunca mereceu estar.

A mulher afastou o olhar. No seu coração, conhecia os seus crimes e pecados. Mas era um bálsamo para a sua autoestima ouvir aquilo da boca de um homem que tanto estimava, de alguém que vira na televisão! E achava que era uma boa mulher.

— Foi por isso que pagou aquele dinheiro todo da minha fiança? Foi mesmo muito dinheiro. Mais dinheiro do que conseguirei ganhar na vida toda.

— Quero defendê-la como me defendeu a mim — disse o homem alto com voz suave. — Além disso, sabemos que não fugirá. — Sorriu-lhe e Arlene pensou na felicidade que sentia. Parecia-lhe incrível que alguém pagasse os cem mil dólares da sua fiança. Aliás, parecia-lhe suspeito. *Mas, por enquanto, tudo bem*, pensou Arlene.

— Vamos levá-la para Bon Temps — disse o homem médio. — Poderá ver os seus filhos: a pequena Lisa e o pequeno Coby.

A forma como pronunciou os nomes dos seus filhos deixou-a inquieta.

— Já não são assim tão pequenos — disse, para abafar a centelha de suspeita. — Mas quero como o rai... quero muito vê-los. Tive saudades deles todos os dias que passei lá dentro.

— Em troca, há algumas pequenas coisas que queremos que faça por nós, se lhe parecer bem — disse o homem médio. Havia decididamente um ligeiro sotaque estrangeiro no seu inglês.

Arlene Fowler percebeu instintivamente que as pequenas coisas não seriam realmente pequenas e também não seriam opcionais. Olhando para os dois homens, percebia que não estavam interessados em alguma coisa que não se importasse de ceder, como o seu corpo. Também não a queriam para passar lençóis a ferro ou para polir as pratas. Sentia-se mais confortável depois de as cartas estarem na mesa, prontas a serem voltadas.

— Hmm... — disse. — Que tipo de coisas?

— Acho que não se importará quando souber — disse o condutor. — Acredito mesmo que não.

— Tudo o que precisará de fazer — disse o homem médio — será ter uma conversa com Sookie Stackhouse.

Houve um longo silêncio. Arlene Fowler olhou para os dois homens, ponderando e calculando.

— Se recusar, mandam-me de volta à cadeia? — perguntou.

— Porque pagámos a sua fiança até ao julgamento, suponho que poderíamos fazê-lo — disse o condutor, num tom de voz moderado. — Mas não me agradaria nada. E a ti? — perguntou ao companheiro.

O homem médio abanou a cabeça.

— Seria uma enorme pena. As crianças ficariam tão tristes. Tem medo da menina Stackhouse?

Houve silêncio enquanto Arlene Fowler se debatia com a verdade.

— Sou a última pessoa no mundo que a Sookie querera ver — disse. — Culpa-me por tudo o que aconteceu naquele dia, o dia em que... — Calou-se.

— O dia em que toda aquela gente foi baleada — completou o homem médio, prestável. — Incluindo-a a si. Mas conheço-a um pouco e penso que aceitará conversar consigo. Dir-lhe-emos o que deverá dizer. Não se preocupe com o talento dela. Penso que tudo correrá bem nesse aspeto.

— O talento dela? Falam da telepatia? Que rico talento! — Arlene riu-se, surpreendentemente. — Tem sido a maldição da sua vida toda.

Os dois homens sorriram e o efeito não foi nada agradável.

— Sim — concordou o condutor. — Foi uma maldição e imagino que piorará mais ainda.

— Que querem da Sookie? — perguntou Arlene. — Só tem aquela casa velha.

— Provocou-nos grandes prejuízos. A nós e a algumas outras pessoas — disse o condutor. — Digamos que ela terá alguns amargos de boca à sua espera.





2

Na noite do meu segundo dia de isolamento, aceitei o facto de precisar de ver Eric. Era verdade que me deveria ter visitado. Fora ele a partir quando ressuscitei Sam porque (segundo calculei) tinha a certeza que amava mais Sam do que o amava a ele. Mas iria a Shreveport e conversaríamos porque o seu silêncio me era doloroso. Vi uma parte do fogo de artifício lançado no parque da cidade (estávamos no Quatro de Julho), mas acabei por entrar para me vestir. Estava a ceder ao impulso. Iria ao *Fangtasia*.

Queria ter o melhor aspeto possível, mas não quis exagerar. Não sabia quem encontraria, apesar de querer falar com Eric a sós.

Não tivera notícias de qualquer um dos vampiros que conhecia e que frequentavam o *Fangtasia*. Não sabia se Felipe de Castro, rei do Arkansas, do Louisiana e do Nevada, continuaria em Shreveport, intrometendo-se nos assuntos de Eric e dificultando-lhe a vida. Felipe trouxera consigo a sua namorada, Angie, e o seu braço-direito, Horst, apenas para aumentar a humilhação de Eric. Era traiçoeiro e ardiloso e a sua pequena comitiva era semelhante.

Também não sabia se Freyda, rainha do Oklahoma, continuaria na cidade. O criador de Eric, Ápio Lívio Ocella, assinara um contrato com Freyda que (a meu ver) lhe vendia Eric como escravo, mas de uma forma muito suavizada: como seu consorte, com todos os benefícios imagináveis em tal cargo. O problema era que Ápio não consultara Eric previamente, deixando-o

dividido, no mínimo. Abandonar a sua posição de xerife não era algo que alguma vez tivesse planeado fazer. Não haveria outro vampiro a quem mais agradasse ser um peixe graúdo num pequeno lago. Sempre se esforçara arduamente e ganhara muito dinheiro para o soberano do Louisiana, fosse quem fosse. Desde que os vampiros tinham saído do caixão, tornando pública a sua existência, fizera muito mais do que ganhar dinheiro. Alto, bonito, eloquente e dinâmico, Eric era uma história de sucesso entre os vampiros que se tinham integrado na sociedade. E acabara mesmo por casar com uma humana: comigo. Apesar de não o ter feito seguindo um ritual humano.

Claro que também tinha um lado mais negro. Afinal, era um vampiro.

Na viagem entre Bon Temps e Shreveport, pensei pela quinquagésima vez se cometeria um enorme erro. Quando estacionei junto à porta traseira do *Fangtasia*, sentia-me tão tensa que tremia. Vestira o meu vestido de verão preferido com pintas rosa e ajustei-o antes de inspirar fundo algumas vezes e bater. A porta abriu-se. Pam encostava-se à parede do corredor, cruzando os braços sobre o peito e parecendo incomodada.

— Pam — disse, saudando-a.

— Não devias estar aqui — replicou.

Era verdade que eu sabia que ela era fiel a Eric e que isso nunca mudaria. Mesmo assim, acreditava que Pam simpatizava um pouco comigo, tanto quanto alguma vez simpatizaria com um humano, e as suas palavras magoaram-me como um tabefe em cheio na cara. Não precisava de me sentir ainda mais magoada do que já sentia, mas viera para tentar aligeirar um pouco a situação com Eric, dizendo-lhe que estava enganado quanto ao que julgava existir entre mim e Sam, e tentando descobrir o que decidira a respeito de Freyda.

— Preciso de falar com o Eric — disse. Não tentei entrar. Sabia que não seria recomendável.

Nesse momento, a porta do gabinete de Eric abriu-se de rompante. Manteve-se à porta. Era alto, louro e muito másculo. Normalmente, começava a sorrir quando me via.

Naquela noite não.

— Sookie, não posso falar contigo agora — disse. — Horst chegará a qualquer momento e não precisará que lhe recordem da tua existência. Chamaram um advogado para rever o contrato.

Era como se falasse com uma estranha e, mais do que isso, com uma estranha sem qualquer motivo para lhe bater à porta. Eric parecia simultaneamente irritado e magoado.

Eu tinha a boca e o coração repletos de coisas que queria dizer. Mais do que qualquer outra coisa no mundo, queria rodeá-lo com os braços e dizer-lhe o quanto significava para mim. Mas, quando dei meio passo na sua direção, Eric recuou e fechou a porta do gabinete.

Fiquei paralisada por um momento, tentando absorver o choque e a mágoa e tentando impedir a expressão de desabar. Pam aproximou-se e pousou-me uma mão sobre o ombro para me girar e conduzir para fora. Depois de fechar a porta atrás de nós, disse-me ao ouvido:

— Não voltes aqui. É perigoso de mais. Passam-se demasiadas coisas. Há demasiados visitantes. — A seguir, ergueu a voz e acrescentou: — Não voltes até o Eric te chamar! — Empurrou-me um pouco na direção do carro. Voltou para dentro e fechou a porta com um daqueles movimentos rápidos dos vampiros que pareciam sempre magia ou um jogo de vídeo muito bem feito.

Fui para casa, pensando na advertência de Pam e nas palavras e comportamento de Eric. Pensei em chorar, mas não tinha energia suficiente. Sentia-me demasiado cansada de estar triste para ficar ainda mais triste. Obviamente, havia um grande alvoroço no *Fangtasia* e muitas coisas esperavam clarificação. Não podia fazer nada a esse respeito além de ficar fora do caminho, esperando sobreviver à mudança de regime, qualquer que fosse o resultado. Era como esperar que o *Titanic* afundasse.

Passou-se outra manhã, outro dia em que sustive o fôlego emocional enquanto esperava que alguma coisa acontecesse... alguma coisa conclusiva ou terrível.

Não sentia que esperasse uma solução. Sentia que esperava o desabar de um peso imenso sobre a cabeça. Se não tivesse sido recebida de forma tão devastadora quando fui ao *Fangtasia*, poderia ter tentado abalar um pouco as coisas, mas senti-me desencorajada, para usar um eufemismo. Dei um passeio muito longo e muito quente pela floresta para deixar um cesto de tomates no alpendre traseiro dos Prescott. Cortei a relva do meu relvado verdejante. Sentia-me sempre melhor quando estava fora de casa. Mais completa, de alguma forma. (E isso era positivo porque tinha muito trabalho para fazer no quintal.) Mas levava sempre o telemóvel comigo.

Esperei que Sam me ligasse, mas não ligou. Bernie também não.

Pensei que Bill pudesse visitar-me para me dizer o que se passava. Também não o fez.

E assim terminou outro dia sem qualquer comunicação.

No dia seguinte, quando acordei, tinha notícias de Eric. Enviara-me uma mensagem escrita. Uma mensagem escrita! E nem sequer o fizera pessoalmente, enviando-a por intermédio de Pam. Pam transmitira uma mensagem formal, informando-me de que ele falaria comigo mais para o fim da semana. Alimentara uma esperança de que talvez Pam viesse pessoalmente para me repreender ou para me informar do que se passava com Eric... Mas não.

Enquanto me sentava no alpendre com um copo de chá gelado, examinei-me para perceber se tinha o coração partido. Sentia-me tão emocionalmente exausta que nem sequer consegui perceber. Do meu ponto de vista talvez um pouco melodramático, Eric e eu debatíamos-nos contra as correias do amor que nos tinham prendido e parecia-me que não conseguiríamos libertar-nos delas ou seguir em frente.

Ocorriam-me uma dúzia de perguntas e de conjeturas e receei as respostas a todas elas. Finalmente, fui buscar o aparador de relva, a ferramenta de jardinagem de que menos gostava.

A minha avó costumava dizer: «Pagas o que deves e arriscas a sorte.» Não conhecia a origem do ditado, mas passava a compreender o que significava.

— Claro — disse em voz alta, porque o rádio tinha o volume elevado e não conseguia ouvir-me pensar. — Se tomas uma decisão, terás de lidar com as consequências. — Nem sequer tomara uma decisão consciente de usar o cluviel dor para salvar Sam. Agira por instinto quando o vi morrer.

Por fim, atingi o meu limite de saturação de reflexões e teorias. Atirei o aparador ao chão e gritei. Que se lixasse aquilo tudo.

Estava farta de pensar no assunto.

E senti-me encantada quando, depois de guardar as ferramentas e de ter tomado banho, ouvi as rodas de um carro esmagarem a gravilha do caminho. Reconheci o monovolume de Tara. Quando passou pela janela da cozinha, espreitei para ver se trazia os gémeos presos ao banco de trás, mas as janelas fumadas eram demasiado escuras. (Ver Tara num monovolume ainda era um choque, mas, durante a sua gravidez, ela e JB tinham jurado ser pais ideais e parte dessa imagem incluía um monovolume.) Os ombros de Tara estavam rígidos enquanto caminhava até à porta, mas, pelo menos, dirigia-se à porta traseira como era hábito entre amigos. Não se deu ao trabalho de bater. Abriu a porta para o alpendre convertido em lavandaria e gritou:

— Sookie! Acho bem que estejas aqui! Estás decente?

— Estou aqui — respondi, virando-me para ela quando entrou na cozinha. Vestia calças castanhas elásticas e uma blusa branca larga, com o cabelo preso numa trança que lhe caía pelas costas. A sua maquilhagem era mínima. Estava encantadora como sempre, mas, mesmo assim, não consegui ignorar que tinha descuidado as sobrançelas. A maternidade conseguia arruinar os cuidados pessoais de uma mulher. Claro que ter duas crianças ao mesmo tempo tornava ainda mais difícil encontrar «tempo pessoal». — Onde estão os bebés? — perguntei.

— A mãe do JB ficou com eles — respondeu. — Babava-se para poder ficar com eles por umas horas.

— Então...?

— Porque não foste trabalhar? Porque não respondes aos *e-mails* nem vais buscar o correio ao fundo do caminho? — Atirou para a mesa da cozinha uma pilha de envelopes de todos os tamanhos e uma revista ou duas. Fitou-me enquanto continuava. — Sabes como isso deixa as pessoas nervosas? Pessoas como eu?

Senti-me um pouco envergonhada pela verdade contida na sua acusação de que fora egoísta por ter negado o contacto enquanto tentava compreender-me e perceber a minha vida e o meu futuro.

— *Desculpa* — disse-lhe, bruscamente. — Liguei para o trabalho a dizer que estava doente e surpreende-me que arrisques transmitir os meus germes aos teus bebés!

— Pareces-me ótima — considerou, sem qualquer indício de compaixão. — O que te aconteceu a ti e ao Sam?

— Ele está bem, não está? — A minha ira vacilou e acabou por desaparecer.

— Há dias que a Kennedy o substitui. Fala com ela pelo telefone. Não vai ao bar. — Continuava a fitar-me, mas a sua postura amansava. Percebia pelos seus pensamentos que a preocupação era genuína. — A Kennedy fica muito contente pelo trabalho adicional, sobretudo porque anda a poupar dinheiro com o Danny para alugarem uma casa juntos. Mas o negócio não se pode gerir sozinho, Sookie, e o Sam não faltou ao trabalho durante quatro dias seguidos, estando em Bon Temps, desde que comprou o bar.

A última parte era sobretudo palavreado. Sam estava bem.

Sentei-me numa das cadeiras da cozinha, talvez um pouco depressa de mais.

— Conta-me o que aconteceu — disse Tara, sentando-se à minha frente. — Não sabia se queria mesmo saber, mas calculo que será melhor que me digas.

Queria falar com alguém sobre o que acontecera na casa de campo de Alcide Herveaux. Mas não podia contar a história toda a Tara. Não podia falar-lhe dos lobisomens prisioneiros, da traição de Jannalynn à sua alcateia ou das coisas terríveis que ela fizera. Não conseguia imaginar como Sam se sentiria. Não apenas descobrira a verdadeira natureza da sua namorada, apesar de as provas sugerirem que sempre suspeitara que Jannalynn escondia um plano sinistro, mas precisara também de interiorizar a sua morte, que fora verdadeiramente sangrenta. Jannalynn tentara matar Alcide, o líder da sua alcateia, mas, ao invés, ferira mortalmente Sam. Antes de Mustapha Khan a executar.

Abri a boca para tentar começar a história e percebi que não sabia por onde começar. Olhei para a minha amiga de infância, sentindo-me impotente. Vi-a esperar, com uma expressão deixando claro que pretendia ficar onde estava até eu responder às suas perguntas. Por fim, disse-lhe:

— O essencial é que a Jannalynn saiu permanentemente do cenário e que salvei a vida do Sam. O Eric acha que devia ter feito uma coisa por ele em vez disso. Uma coisa importante que era do meu conhecimento. — Guardei a conclusão para mim.

— Então a Jannalynn não foi visitar uma prima ao Alasca. — Tara comprimia os lábios para se impedir de parecer tão surpresa como se sentia. Mas havia também um indício de triunfo. Ela sempre achara que havia alguma coisa que não batia certo naquela história.

— A não ser que o Alasca se tenha tornado muito mais quente.

Tara riu-se, mas apenas porque não tinha estado presente.

— Fez alguma coisa assim tão má? Li no jornal que alguém confessou pelo telefone o homicídio da Kym Rowe ao polícia de serviço e desapareceu logo a seguir. Terá sido a Jannalynn?

Acenei afirmativamente. Tara não pareceu chocada. Sabia tudo sobre pessoas que faziam coisas más. Duas dessas pessoas tinham sido os seus pais.

— Então não falas com o Sam desde então — disse ela.

— Não desde a manhã seguinte. — Esperei que dissesse que o tinha visto, que tinha falado com ele, mas, em vez disso, passou para um assunto que considerava mais interessante.

— E o vikingue? Porque está chateado? Não precisou que lhe salvasses a vida. Já está morto.

Ergui as mãos com as palmas voltadas para cima, tentando escolher as melhores palavras. Seria melhor ser honesta ou mesmo chocante.

— É como se... tivesse um desejo mágico. Poderia tê-lo usado em benefício de Eric, para o fazer sair de uma situação má. E poderia ter mudado o seu futuro. Mas, ao invés, usei-o para salvar o Sam. — A seguir, teria de esperar as repercussões. Porque usar magia poderosa tinha sempre consequências.

Tara, que tivera más experiências com vampiros, esboçou um sorriso amplo. Apesar de Eric lhe ter salvado a vida, incluía-o na sua lista geral de não-mortos com quem antipatizava.

— Foi um génio que te concedeu três desejos ou coisa parecida? — perguntou, tentando ocultar o prazer na voz.

Na verdade, apesar de ser um gracejo, era quase verdade. Bastaria substituir «génio» por «fada» e «três desejos» por «um desejo» e seria a história praticamente completa. Faltava apenas o cluviel dor.

— É mais ou menos isso — disse-lhe. — O Eric tem muito com que se preocupar agora. Assuntos que transformarão por completo a sua vida. — Apesar de o que disse ser absolutamente verdadeiro, pareceu uma desculpa débil. Tara tentou não rir de troça.

— Alguém do seu grupo te contactou? A Pam, por exemplo? — Tara pensava que teria motivo de preocupação se os vampiros da área tivessem decidido que passara a não ser ninguém para eles. E tinha motivos para se preocupar. — Lá por te separares do grandalhão, isso não significa que te odeiem, certo? — Ela pensava que era provável que sim.

— Acho que não nos separámos exatamente — disse-lhe. — Mas está irritado. A Pam enviou-me uma mensagem em nome dele. Uma mensagem escrita para o telemóvel!

— É melhor que um *post-it*. De quem tiveste notícias? — perguntou Tara, impaciente. — Acontecem-te todas estas merdas estranhas e ninguém te liga para poderem discutir o assunto? O Sam não anda por aqui, varrendo-te o chão e beijando-te os pés. A casa deveria estar cheia de flores, doces e *strippers* masculinos.

— Ah — disse, inteligentemente. — Estranhamente, o quintal está cheio de flores. E de tomates.

— Cuspo nos sobrenaturais que te desiludiram — disse Tara, fe-

lizmente sem concretizar a ameaça. — Ouve, Sook, limita-te aos teus amigos humanos e deixa os outros de lado. — Era completamente sincera.

— É demasiado tarde — disse-lhe. Sorri-lhe, mas não me pareceu que o sorriso me encaixasse na cara.

— Então vem fazer compras. Preciso de soutiens novos, já que tenho sido vaca leiteira. Não sei quanto tempo aguentarei isto.

Amamentando gêmeos, o peito de Tara estava consideravelmente mais volumoso. Talvez todo o seu corpo estivesse um pouco mais curvilíneo. Mas não podia apontar o dedo e agradecia-lhe a mudança de assunto na conversa.

— Como estão os miúdos? — perguntei, sorrindo de uma forma mais genuína. — Terei de cuidar deles nalguma noite para que possam ir ao cinema com o JB. Há quanto tempo não saem juntos?

— A última vez aconteceu seis semanas antes do parto — disse. — A mamã do Rone ficou com eles em duas ocasiões durante o dia para eu poder ir à loja, mas não quer ficar com eles à noite quando o papá do Rone está em casa. Se conseguir bombear leite suficiente para deixar aos pequenos monstros, o JB podia levar-me ao *Outback*. Podíamos comer bifés. — Havia um esgar ávido nos seus lábios. Tara ansiava por carne vermelha desde que começara a amamentar. — Além disso, desde o fecho do *Hooligans*, o JB já não tem de trabalhar à noite.

JB trabalhara no *Hooligans* além de trabalhar também como treinador num ginásio. No *Hooligans*, fizera *strip* quase integral na *ladies' night* para ganhar dinheiro extra para os gêmeos. Não perdera um momento a pensar no destino do edifício e do negócio desde que o proprietário, o meu primo Claude, desaparecera do mundo humano. Seria uma preocupação para quando se esgotassem outras mais importantes.

— Diz-me quanto te apetecer um bife — assegurei a Tara, agradada pela possibilidade de lhe fazer um favor. — Onde pensavas fazer compras hoje? — Subitamente, sentia-me ansiosa por sair de casa.

— Vamos a Shreveport. Gosto da loja de roupa para grávidas e bebés que lá há e quero passar também pela loja de roupa usada na Youree.

— Claro. Deixa-me maquilhar-me um pouco. — Quinze minutos depois, estava vestida com calções brancos limpos e uma camisola de manga curta azul-clara. O cabelo estava preso num rabo de cavalo apumado e tinha a pele devidamente hidratada. Há vários dias que não me sentia tão próxima do meu antigo eu.

Conversámos durante toda a viagem até Shreveport. Sobretudo sobre os bebés, claro, porque nada será mais importante do que bebés. Mas incluímos na conversa a sogra de Tara (uma grande mulher), a loja de Tara (que não se saía muito bem naquele verão), a assistente de Tara, McKenna (que Tara tentava juntar com um amigo de JB) e outros assuntos de interesse no seu universo.

Naquele dia de verão muito quente em julho, pareceu-me confortavelmente normal participar naquela sessão de mexericos enquanto fazíamos um passeio de mulheres.

Apesar de Tara ser proprietária de uma loja cara, não vendia roupa para grávidas e mães recentes. Disse:

— Quero soutiens de aleitamento e uma camisa de dormir da *Moms’N More*. E quero comprar um par de calções em segunda mão porque não consigo enfiar o meu rabo gordo nos calções que usava antes. Precisas de alguma coisa, Sookie?

— Preciso de um vestido para o casamento do Jason e da Michele — disse.

— Foste convidada? Já marcaram uma data?

— Por enquanto, sou a única convidada. Reduziram o número de datas possíveis, mas esperam escolher depois de consultarem a irmã da Michele. Está no exército e poderá não conseguir licença nalguma das datas. — Ri-me. — De certeza que a Michele também a vai convidar a ela, mas eu estou garantida.

— Que cor tens de vestir?

— Qualquer cor que me agrade. Ela diz que não fica bem de branco e, além disso, foi o que escolheu no seu primeiro casamento. O Jason vai vestir um fato creme e a Michele um vestido cor de chocolate. É um vestido de noite e diz que lhe fica muito bem.

Tara mostrou-se cética.

— Cor de chocolate? — repetiu. (Tara não achava que fosse aceitável para um casamento.) — Devias procurar hoje — continuou, mais animada. — Claro que podes procurar na minha loja, mas, se vires hoje alguma coisa que te agrade na loja de roupa em segunda mão, seria perfeito. Só o vais usar uma vez, não é?

Tara vendia roupa bonita, mas com preços bastante elevados e a sua seleção era limitada pela dimensão da loja. A sugestão que fizera era muito prática.

Fomos à *Moms’N More* em primeiro lugar. A loja para grávidas e mães recentes pouco me interessou. Namorava com vampiros há tanto

tempo que a maternidade não era algo em que pensasse, pelo menos não com grande frequência. Enquanto Tara falava de lactação com a vendedora, olhei para os sacos de fraldas e as peças adoráveis para bebês. As mães recentes eram sem dúvida bestas de carga. Custava a crer que, outrora, os bebês tinham sido criados sem sacos de fraldas, bombas de leite, caixotes de lixo especiais para fraldas descartáveis, chaves de plástico, carrinhos, frascos de comida de bebê, tapetes de plástico para mudança de fraldas, detergente especial para lavar roupas de bebê... e por aí fora. Toquei num minúsculo pijama às riscas verdes e brancas com um cordeiro no peito. Algo dentro de mim estremeceu com avidez.

Agradou-me quando Tara completou a compra e saímos da loja.

A loja de roupa em segunda mão ficava apenas a quilómetro e meio de distância. Porque «Roupa Fina Usada» não soava muito apelativo, os proprietários tinham optado por *Second Time's the Charm*¹. Tara parecia ligeiramente envergonhada por entrar numa loja de roupa usada, por melhor que fosse o seu aspeto.

— Tenho de ter bom aspeto por ter uma loja de roupa — confesso. — Mas não quero gastar muito dinheiro em calças maiores porque espero não vestir um tamanho acima durante muito tempo. — Os seus pensamentos diziam-me que vestia dois tamanhos acima.

Era uma das coisas que odiava na telepatia.

— Faz sentido — disse-lhe, em tom apaziguador. — E eu talvez encontre alguma coisa para o casamento. — Parecia altamente improvável que a dona original do vestido viesse ao casamento de Jason e essa era a minha única reserva na compra de uma peça que outra pessoa usara uma ou duas vezes.

Tara conhecia a dona, uma ruiva ossuda cujo nome parecia ser Allison. Depois de se cumprimentarem com um abraço, Tara puxou por fotografias dos gémeos... talvez umas cem. Não me surpreendeu nada.

Vira-os pessoalmente e deambulei pela loja para ver os vestidos «melhores». Encontrei os do meu tamanho e comecei a fazer deslizar os cabides no varão um a um, sem pressas. Há uma semana que não me sentia tão descontraída.

Agradava-me que Tara me tivesse arrastado para fora de casa. Havia algo de maravilhosamente normal e reconfortante na nossa expedição consumista. A loja com ar condicionado era tranquila, com a

¹ «À Segunda É de Vez». (N. do T.)

música muito, muito baixa. Os preços eram mais altos do que esperava, mas, quando vi as etiquetas, percebi porquê. Tudo o que vendiam era de boa qualidade.

Afastei um cabide que suportava um vestido horrível roxo e verde e parei de repente, fascinada. O vestido seguinte era de um amarelo intenso. Não tinha mangas, era forrado e tinha decote arredondado, com um laço grande e espalmado a meio das costas. Era lindo.

— Adoro este vestido — exclamei em voz alta, sentindo-me profundamente feliz. Era fútil. Sabia-o bem. Mas aproveitaria a alegria onde a encontrasse. — Vou experimentar isto — disse, erguendo-o. A proprietária, a meio do relato do parto de Tara, nem sequer se voltou. Ergueu a mão em sinal de assentimento.

— A Rosanne vai já ter consigo — disse.

Levei o vestido para trás da cortina do gabinete de provas. Havia quatro cubículos e, porque mais ninguém entrara, não me surpreendeu encontrá-los vazios. Despi os calções e a camisola em tempo recorde. Sustendo a respiração com ansiedade, retirei o vestido do cabide e enfi-o pela cabeça. Assentou-me sobre as ancas como se lhe agradasse lá estar. Levei a mão atrás para correr o fecho. Consegui puxá-lo até meio do caminho, mas havia um limite para o ângulo a que conseguia dobrar os braços. Saí para ver se conseguiria arrancar Tara à sua conversa fascinante. Uma jovem, presumivelmente Rosanne, encontrava-se do lado de fora, esperando a minha saída. Quando a vi, senti que já me tinha cruzado com ela em algum lado. Estava no fim da adolescência, era uma miúda robusta com cabelo castanho preso num carrapito. Vestia um fato formal azul e creme. Tê-la-ia visto algures, certamente.

— Desculpe não estar aqui para a ajudar — disse. — Que posso fazer por si? Precisa de ajuda com o fecho? — Começara a falar assim que saí do gabinete e foi só quando terminou que me viu bem a cara. — Merda! — exclamou, suficientemente alto para fazer a dona voltar-se e olhar.

Esbocei à elegante Allison um sorriso que transmitia que estava tudo bem, esperando não estar a mentir.

— Que se passa contigo? — sussurrei a Rosanne. Olhei para baixo, procurando alguma coisa que explicasse o seu alarme. Ter-me-ia vindo o período? O que era? Quando não vi nada alarmante, fitei-a ansiosamente, esperando que me dissesse qual era o motivo de tanta agitação.

— És tu — sussurrou.

— Sou eu o quê?

— A que tem a magia tão poderosa. A que ressuscitou aquele metamorfo.

— Ah. — A revelação súbita. — Suponho que faças parte da alcaideia do Dente Longo, não? Bem me parecia que te tinha visto algures.

— Estava lá — disse, com uma intensidade inabalável. — Na propriedade do Alcide.

— Foi um pouco horrível, não foi? — perguntei. Era a última coisa de que queria falar. Regressando ao assunto premente, sorri à lobisomem Rosanne. — Podes correr-me o fecho? — Virei-lhe as costas, não sem alguma trepidação. Vi-a olhar para mim no espelho. Não precisaria de ser telepata para interpretar aquela expressão. Receava tocar-me.

O que restava da minha boa disposição despenhou-se.

Na infância, algumas pessoas tinham-me olhado com uma mistura de desconforto e repulsa. As crianças telepatas podem dizer as piores coisas nos piores momentos e ninguém gostará delas por isso, tal como ninguém esquecerá quando divulgam algum segredo. A telepatia numa criança é horrível. Até eu, a telepata em questão, o achava. Algumas pessoas tinham-se mostrado absolutamente aterradas pelo meu talento, que não sabia esconder. Depois de começar a conseguir controlar o que dizia quando «ouvia» alguma coisa espantosa ou horrível na mente de um vizinho, raramente voltara a ver essa expressão. Esquecera como podia ser dolorosa.

— Tens medo de mim — disse, constatando o óbvio por não me ocorrer outra coisa que pudesse fazer. — Mas não tens motivo para ter medo. És tu que tens garras e dentes afiados.

— Mais baixo. A Allison pode ouvir — sussurrou.

— Ainda não saíste do armário?

— Aqui no trabalho, não — disse, com voz mais profunda e grave. Pelo menos, deixara de parecer assustada, o que fora o meu objetivo. — Sabes como é difícil para raparigas de dupla natureza quando começam a transformar-se? É mais difícil do que para os rapazes. Uma em cada vinte torna-se uma cadela psicótica permanente. Mas, se conseguires passar a adolescência, estás safe e eu estou quase lá. A Allison é simpática e não há stress neste trabalho. Tenho trabalhado aqui todos os verões. Quero continuar. — Fitou-me, implorante.

— Então corre-me o fecho, está bem? Não pretendo denunciar-te. Só preciso de um vestido — disse-lhe, verdadeiramente exasperada. Compreendia o que me dizia, mas sentia que tinha problemas suficientes.

Estendeu a mão esquerda hesitante para segurar o topo do vestido, segurou o fecho com a direita e, num segundo, fiquei devidamente vestida. O laço cobria o fecho e era mantido no sítio com molas. Porque o verão era a época de bronzamento por excelência, estava agradavelmente morena e o amarelo intenso ficava... maravilhoso. O vestido não era demasiado decotado e tinha o comprimento certo. Senti regressar um pouco da minha boa disposição anterior.

Não me tendo agradado que Rosanne pensasse que a denunciaria apenas por maldade, conseguia compreender a preocupação. Mais ou menos. Conhecera duas ou três mulheres sobrenaturais que não tinham conseguido sobreviver à adolescência com a personalidade intacta. A sua condição era realmente algo temível. Com esforço, pus de lado toda a conversa. Quando consegui concentrar-me no meu reflexo no espelho, senti um arrepio de puro gáudio.

— Uau. É tão bonito — disse. Sorri ao reflexo, convidando-o a alegrar-se comigo.

Mas Rosanne permaneceu em silêncio, continuando com uma expressão infeliz. Não alinharia no meu programa «somos todas raparigas felizes».

— Foi o que fizeste, não foi? — perguntou. — Ressuscitaste o metamorfo.

Percebi que não me seria permitido desfrutar da emoção da minha vitória comercial.

— Foi só uma vez — disse, perdendo o sorriso. — Não conseguirei repeti-lo. Nem sequer quero repeti-lo. — Percebi que poderia não ter usado o cluviel dor se tivesse tido tempo para pensar no assunto. Poderia ter duvidado que funcionasse e essa dúvida enfraquecer-me-ia a vontade. Amelia, a minha amiga bruxa, dissera-me certa vez que a vontade era o motor da magia.

Sentira grande vontade quando percebi que o coração de Sam deixava de bater.

— O Alcide está bem? — perguntei, fazendo outro esforço para mudar de assunto.

— O líder da alcateia está bem — respondeu, formalmente. Apesar de ser lobisomem, conseguia ler-lhe a mente com clareza suficiente para perceber que, apesar de ter superado o medo inicial, tinha enormes reservas a meu respeito. Pensei se a alcateia inteira partilharia a mesma desconfiança. Alcide acreditaria que me tornara uma espécie de superbruxa?

Nada poderia afastar-se mais da verdade. Nunca fora super a nada.

— É bom saber que está bem. Levo o vestido — disse. *Pelo menos*, pensei, *alguma coisa se aproveitará deste encontro*. Quando fui ao balcão, vi que, durante a troca sentida de palavras com Rosanne, Tara encontrara alguns calções e um par de calças de ganga de marcas muito boas. Parecia agradada e Allison também por não ter de ver mais fotografias de bebés.

Enquanto saía da loja, com o vestido num saco enfiado no braço, olhei para trás e vi a lobisomem jovem observando-me pela montra com uma mistura de respeito e medo na face.

Estivera tão absorvida pela minha reação ao que fizera a Sam... por Sam... que nunca me preocupara com as reações das testemunhas.

— Que se passou entre ti e a rapariga? — perguntou Tara abruptamente.

— O quê? Nada.

Fixou em mim um olhar muito cético. Teria de explicar.

— É uma lobisomem da alcateia do Alcide, mas esconde a sua dupla natureza da patroa — expliquei. — Espero que não te sintas obrigada a dizer isto à Allison.

— Não. Quem a Allison contrata só lhe diz respeito a ela. — Tara encolheu os ombros. — A Rosanne está na loja desde miúda. Vinha depois da escola. Desde que faça o seu trabalho, que diferença haverá?

— Ótimo. Nesse caso, guardaremos o segredo.

— A Rosanne não pareceu muito satisfeita por te ver — disse Tara, após um longo momento.

— Não... Não estava. Acha que... sou uma bruxa. Uma bruxa terrível. Terrível no sentido de ser muito poderosa e assustadora.

Tara grunhiu.

— Vejo que não te conhece minimamente.

Sorri, mas foi um esforço débil.

— Espero que a opinião não alastre.

— Pensava que conseguiam farejar se és ou não má.

Tentei parecer indiferente.

— Deviam saber. Mas, já que não sabem, terei de suportar.

— Sook, não te preocupes. Se precisares de nós, liga-me a mim ou ao JB. Enfiámos os bebés no carro e vimos logo. Sei que falhei... sei que te desiludi algumas vezes... nos últimos anos. Mas juro que te ajudo. Em qualquer coisa que precises.

A veemência surpreendeu-me. Olhei fixamente para a minha ami-

ga. Tinha lágrimas nos olhos, mesmo enquanto o carro arrancava e iniciava a viagem de regresso a Bon Temps.

— Tara? De que falas?

— Desiludi-te — disse, com uma expressão sombria. — De tantas formas. E desiludi-me a mim mesma. Tomei algumas decisões muito estúpidas. Esforçava-me tanto para fugir à forma como fui criada. Durante alguns anos, teria feito qualquer coisa para assegurar que não teria de voltar a viver como vivi em casa dos meus pais. Por isso, procurei proteção e sabes no que resultou. Quando acabou, passei a odiar tanto vampiros que não conseguia ouvir os teus problemas. Mas cresci. — Acenou com a cabeça com determinação como se, na sua opinião, tivesse dado o último passo no seu crescimento espiritual.

Era a última coisa que esperara. Uma declaração de reconciliação da minha amiga mais antiga. Pensei em negar todas as coisas negativas que ela dissera a seu respeito, mas fora tão sincera que teria de retribuir, usando maior tato.

— Tara, sempre fomos amigas. Sempre seremos amigas — disse-lhe. — Se cometeste erros, eu também. Temos de fazer o melhor que conseguirmos. Superámos as duas um período muito problemático. — Talvez.

Puxou um lenço de papel da bolsa e secou a cara com uma mão.

— Sei que ficaremos bem — disse ela. — Sei que sim.

Não me convenceu, pelo menos no que dizia respeito ao meu futuro, mas não arruinaria o momento de Tara.

— Claro que sim — concordei. Coloquei a mão sobre a sua no volante.

Durante alguns quilómetros, viajámos em silêncio. Olhei pela janela, vendo os campos de cultivo e as valas cobertas de ervas daninhas, com o calor pairando sobre tudo aquilo como uma enorme manta. Se as ervas daninhas conseguiam crescer com tanto vigor, talvez eu também conseguisse.





3

Anossa excursão consumista arrancou-me às minhas preocupações. Quando Tara voltou para casa, sentei-me determinada a tomar decisões.

Prometi a mim mesma que iria trabalhar no dia seguinte, quer tivesse ou não tido notícias de Sam. Era uma das proprietárias do bar e não precisava da sua autorização para aparecer. Preparei palavras de incentivo para mim mesma antes de perceber que estava a ser ridícula. Sam não me proibira de entrar no bar. Não me dissera que não queria ver-me. Ficara em casa de livre vontade. A ausência de comunicação poderia significar muitas coisas. Precisava de tomar a iniciativa de descobrir.

Aqueci uma piza *DiGiorno's* nessa noite porque ninguém fazia entregas na Hummingbird Road. Na verdade, os Prescott, os mais próximos da cidade entre os meus vizinhos, recebiam entregas de piza, mas ninguém queria subir o caminho longo e estreito até à minha casa depois de anoitecer. Aprendera ultimamente (com os pensamentos dos clientes do *Merlotte's*) que a floresta que rodeava a minha casa e que ladeava a Hummingbird Road tinha reputação de ser assombrada por criaturas «muito assustadoras».

E era absolutamente verdade, mas as criaturas que tinham motivado o rumor haviam partido para um país que eu não podia visitar. Mesmo assim, havia um morto a atravessar o meu quintal enquanto

eu tentava dobrar o disco de papelão que servira de base à piza. Não preciso de dizer como é difícil enfiá-los nos sacos de lixo, pois não? Conseguira finalmente fazê-lo quando ele chegou à porta das traseiras e bateu.

— Olá, Bill — disse-lhe. — Entra.

No segundo seguinte, já tinha atravessado a porta, inspirando profundamente para melhor captar o cheiro que procurava. Era estranho vê-lo respirar.

— Muito melhor — disse, com um tom de voz quase desiludido. — Mas acho que o teu jantar tinha um pouco de alho.

— Não cheira a fadas?

— Muito pouco.

O cheiro das fadas tem nos vampiros o mesmo efeito que a erva-gateira tem nos gatos. Quando Dermot e Claude moravam comigo, o seu cheiro inundava a casa, permanecendo mesmo quando saíam. Mas os meus parentes fae tinham partido. E nunca mais voltariam. Deixara as janelas do andar de cima abertas durante uma noite inteira para dissipar o aroma de fae que restava e fora um feito considerável com aquele calor.

— Ótimo — considere, bruscamente. — Há mexericos saborosos? Notícias? Acontece alguma coisa interessante pelos teus lados? — Bill era o meu vizinho mais próximo. A sua casa ficava do outro lado do cemitério. Era nesse cemitério que estava a sua pedra tumular, erigida pela família. Sabiam que o corpo de Bill não estava enterrado aí (achavam que tinha sido devorado por uma pantera), mas deram-lhe um local para o seu descanso derradeiro, mesmo assim. Não fora uma pantera a atacá-lo, mas sim algo muito pior.

— Obrigado pelas belas rosas — disse-me. — A propósito, tive uma visita.

Arqueei as sobrancelhas.

— Uma visita boa? Má?

Arqueou também uma sobrancelha.

— Depende — respondeu.

— Vamos sentar-nos na sala enquanto me contas tudo — sugeri. — Queres uma garrafa de sangue?

Abanou a cabeça.

— Marquei encontro com um dador para mais tarde. — O Departamento Federal de Assuntos de Vampiros deixara a legislação da questão para cada Estado. O Louisiana autorizara registos privados em

primeiro lugar, mas o programa de dadores do Estado era muito mais seguro tanto para o dador como para o vampiro. Bill podia consumir sangue humano em condições controladas.

— Como é? É estranho? — Pensei se seria como fazer uma doação de esperma. Necessária e até admirável, mas um pouco embaraçosa.

— É um pouco... peculiar — admitiu Bill. — O elemento da caça, da sedução... completamente ausente. Mas é sangue humano e continua a ser melhor que o sangue sintético.

— Então tens de ir às instalações e depois?

— Em alguns Estados, podem vir até ti, mas não no Louisiana. Marcamos uma entrevista e vamos registar-nos. É uma clínica de acesso livre. Nas traseiras, há uma sala com um sofá. Um sofá grande. E trazem o dador.

— Podes escolher o dador?

— Não. O DFAV do Louisiana quer anular o elemento pessoal.

— Então para que é o sofá?

— Tens razão. É uma postura ambígua. Mas sabes como uma dentada pode ser boa e, de qualquer forma, haverá sempre mais do que uma simples dentada.

— Já te calhou a mesma pessoa duas vezes?

— Ainda não. Estou certo de que terão uma lista e tentarão impedir vampiros e humanos de se encontrarem depois de se conhecerem no departamento.

Enquanto falávamos, Bill sentara-se no meu sofá e instalei-me com as pernas encolhidas na grande poltrona que fora a preferida da minha avó. Era estranhamente confortável receber uma visita de circunstância do meu primeiro namorado real. Ambos tínhamos passado por alguns relacionamentos desde a separação. Apesar de Bill me ter dito (frequentemente) que lhe agradaria muito retomar a nossa intimidade, o assunto não o preocupava naquela noite. Não que conseguisse ler-lhe os pensamentos. Porque os vampiros estão mortos, os seus cérebros não emitem como os cérebros humanos. Mas a linguagem corporal de um homem costuma ser suficiente para me fazer perceber quando avalia os meus atributos femininos. Era verdadeiramente fantástico e muito confortante contar com a amizade de Bill.

Ligara a luz do teto e o brilho fazia-o parecer branco como um lençol. O cabelo castanho-escuro parecia ainda mais escuro e os seus olhos quase pretos. O assunto seguinte fazia-o hesitar e, subitamente, deixei de me sentir descontraída e confortável.

— Karin está na cidade — disse, fitando-me com solenidade.
Percebi que esperara que aquela informação me devastasse, mas fiquei completamente a leste.

— Quem é?

— Karin é a outra miúda do Eric — explicou, chocado. — Nunca ouviste o seu nome?

— Porque deveria ter ouvido? E porque deveria interessar-me que esteja na cidade?

— Chamam-lhe «a Devastadora».

— Que tolice. «A Devastadora» é... pouco sonoro. «Karin, a Destruidora» seria muito melhor.

Se Bill costumasse revirar os olhos, tê-lo-ia feito naquele momento.

— Sookie...

— A Pam é uma grande lutadora — disse, distraída. — O Eric deve gostar muito de mulheres fortes capazes de se defenderem.

Bill olhou-me fixamente.

— Sim. É verdade.

Muito bem. Interpretaria aquilo como um elogio... talvez um elogio triste. Não fora minha intenção matar gente (ou vampiros, lobisomens ou fadas), conspirar para os matar ou sequer sentir vontade de o fazer... mas fizera tudo isso durante os dois anos anteriores. Desde que Bill entrara no *Merlotte's* e o vira pela primeira vez (o meu primeiro vampiro), aprendera mais a meu respeito e a respeito do mundo que me rodeava do que alguma vez quis saber. E ali estávamos, Bill e eu, sentados na minha sala como velhos amigos, falando sobre uma vampira assassina.

— Achas que a Karin poderá ter vindo para me fazer mal? — perguntei. Segurei o tornozelo com a mão e apertei. Não precisava de mais uma cadela psicopata atrás de mim. Os lobisomens não tinham monopolizado esse mercado?

— Não me parece — disse Bill.

— Não quer matar-me? — Era sinal de que a minha vida não era normal quando me sentia surpresa por alguém não querer matar-me.

— Não. Fez-me muitas perguntas sobre ti, sobre Bon Temps e sobre os elementos fortes e fracos do teu círculo. Ter-me-ia dito se a sua intenção fosse magoar-te. Karin não é tão complexa como Pam... ou como Eric.

Tive cerca de quatro reações à afirmação de Bill, mas fechei sensatamente a boca, bloqueando-as a todas.

— Porque não terá vindo diretamente aqui para me perguntar, se queria saber isso tudo? — contentei-me em inquirir.

— Suponho que reunirá informação para algum fim próprio.

Por vezes, não consigo perceber os vampiros.

— Há algumas coisas que precisarás de compreender acerca de Karin — disse Bill, bruscamente, vendo que não respondia ao que dissera. — Sente-se... despeitada... por qualquer coisa que interprete como ofensa a Eric. Qualquer desconsideração. Passou muitos anos com ele. Era o seu cão de guarda.

Senti-me grata por ter um calendário de Palavras do Dia na bancada da cozinha. De outra forma, teria precisado de usar um dicionário para descodificar aquela frase. Pensei em perguntar a Bill porque nunca conhecera Karin, se era tão próxima de Eric, mas mudei de ideias e, ao invés, disse-lhe:

— Não ando por aí a despeitar o Eric. Amo o Eric. Não é por culpa minha que ele está chateado comigo. Tal como não foi por culpa minha que a besta do seu criador lhe tenha querido fazer um casamento com uma vampira que mal conhece. — O azedume nas palavras correspondia ao que sentia. — Ela devia encarar *isso* como desconsideração.

Bill pareceu pensativo, o que me deixou muito nervosa. Estava prestes a dizer alguma coisa que sabia que não me agradaria. Apertei o tornozelo com um pouco mais de força.

— Todos os vampiros da Área Cinco sabem o que aconteceu no encontro da alcateia do Dente Longo — disse.

Não era exatamente chocante.

— O Eric contou-te. — Procurei alguma coisa para acrescentar. — Foi uma noite horrível — disse, com toda a sinceridade.

— Ele estava furioso quando voltou ao *Fangtasia*, mas não foi claro quanto ao que o deixou naquele estado. Disse «malditos lobos» algumas vezes. — Bill teve o cuidado de fazer uma pausa. Calculei que Eric tivesse acrescentado também «maldita Sookie» algumas vezes. Continuou. — Palomino continua a sair com aquele lobisomem. Roy, o que trabalha para Alcide. — Encolheu os ombros, como se pretendesse dizer que os gostos não podiam ser discutidos. — Porque todos nos sentimos naturalmente curiosos, ela ligou a Roy para obter pormenores. Partilhou a história connosco. Pareceu importante que a conhecêssemos. — Após um momento, acrescentou: — Questionámos Mustapha, sendo óbvio que esteve envolvido num confronto, mas não disse nada. É muito discreto acerca do que se passa no mundo dos lobisomens.

Houve um longo silêncio. Não sabia o que responder e a face de Bill nesse momento não me deu qualquer indício. Sentia sobretudo um profundo apreço por Mustapha, o lobisomem que trabalhava como assistente diurno de Eric. Era uma criatura rara. Alguém que sabia manter a boca fechada.

— Então... — forcei-me a dizer. — E isso faz-te pensar... o quê?

— Faz diferença? — perguntou Bill.

— Estás a ser muito misterioso.

— Foste tu a guardar um imenso segredo — referiu. — Eras tu que tinhas na tua posse o equivalente fae de um poço de desejos.

— O Eric sabia.

— O quê? — Bill ficou genuinamente espantado.

— O Eric sabia que o tinha. Apesar de não lhe ter dito.

— Como descobriu?

— O meu bisavô — expliquei. — O Niall contou-lhe.

— Porque faria Niall tal coisa? — perguntou, após uma pausa considerável.

— A lógica foi esta — comecei. — O Niall pensou que precisava de saber se o Eric me pressionaria a usar o cluviel dor em seu benefício. O próprio Niall desejava-o, mas não se apossou dele porque foi destinado ao meu uso. — Estremeci ao recordar os olhos impossivelmente azuis de Niall cintilando de desejo pelo objeto encantado e o esforço intenso para se conter.

— Portanto, para Niall, partilhar a informação era um teste do amor de Eric por ti.

Acenei afirmativamente.

Bill manteve os olhos no chão por um minuto ou dois.

— Longe de mim falar em defesa de Eric — disse ele, por fim, com um indício de sorriso —, mas, nesta ocasião, fá-lo-ei. Não sei se ele pretendia realmente que, digamos, desejasses que Freyda nunca tivesse nascido, que desejasses que o seu criador nunca a tivesse conhecido... ou qualquer outro desejo que o tivesse afastado da sua mira. Conhecendo o viquingue, estou certo de que esperou que estivesse *disposta* a usar o desejo em benefício dele.

Era uma conversa repleta de pausas significativas. Tive de pensar nas palavras que ouvira durante um minuto para me assegurar de que compreendia o que Bill me dizia.

— Então o cluviel dor foi um teste da sinceridade de Eric, aos olhos de Niall. E foi um teste do meu amor, aos olhos de Eric — disse. — E ambos falhámos o teste.

Bill acenou afirmativamente com um movimento rápido da cabeça.

— Ela teria preferido que deixasse o Sam morrer.

Bill permitiu-me perceber o seu sobressalto.

— Claro — disse.

— Como pode ter pensado uma coisa dessas? — murmurei, o que era uma pergunta estupidamente óbvia (e obviamente estúpida) para me colocar. Uma questão muito mais pertinente seria: «Como foi possível que duas pessoas apaixonadas se tivessem avaliado tão mal?»

— Como pode Eric ter pensado uma coisa dessas? Não me perguntes. Não é a minha reação emocional que importa — disse Bill.

— Perguntar-lhe-ia com agrado se aceitasse sentar-se e conversar comigo — disse. — Mas expulsou-me do *Fangtasia* há duas noites.

Percebi que Bill soubera.

— Contactou-te desde então?

— Claro que sim. Fez questão de mandar a Pam enviar-me uma mensagem escrita a dizer que se encontraria comigo mais tarde.

Bill fez uma imitação perfeita de uma parede.

— Que achas que devo fazer? — perguntei, por curiosidade. — Não suporto esta indefinição. Preciso de esclarecer as coisas.

Bill inclinou-se para diante no sofá, erguendo as sobrancelhas escuras.

— Coloca-te esta questão — disse. — Terias usado o cluviel dor se tivessem sido... digamos... Terry ou Calvin a estarem mortalmente feridos?

A pergunta atordoou-me. Procurei palavras para responder.

Após um momento, Bill levantou-se para partir.

— Não me parecia — disse. Levantei-me também para o acompanhar até à porta.

— Não é que não considere a vida do Terry digna do sacrifício — disse. — Mas talvez não me tivesse ocorrido.

— Essa hesitação não te torna uma má mulher, Sookie — disse-me Bill, interpretando-me a expressão com justeza. Cobriu-me a face com uma mão. — És uma das melhores mulheres que conheci. No entanto, por vezes, não te conheces muito bem.

Depois, voltou para a floresta e tranquei a porta antes de me sentar diante do computador. Planeara verificar o *e-mail*, mas, em vez disso, dei comigo a tentar interpretar as palavras de Bill. Não conseguia concentrar-me. Finalmente, sem aceder à caixa de mensagens, levantei-me e fui para a cama.

Não será surpreendente que não tenha dormido bem. Mas saí da cama às oito, completamente farta de me esconder em casa. Tomei banho e maquillei-me, vestindo a minha farda de verão: camisola de manga curta do *Merlotte's*, calções pretos e ténis *New Balance*. A seguir, entrei no carro e pus-me a caminho. Senti-me muito melhor depois de seguir a minha rotina normal. Também me senti muito nervosa enquanto estacionava sobre a gravilha do parque de estacionamento atrás do bar.

Não queria olhar especada para a caravana de Sam, no centro do seu pequeno quintal, formando um ângulo reto com o bar. Sam poderia ter estado à janela, olhando para fora. Afastei o olhar e apressei o passo para a entrada dos funcionários. Apesar de ter as chaves na mão, não precisei delas. Alguém chegara antes de mim. Fui diretamente ao cacifo e abri-o, pensando se veria Sam atrás do balcão, como estaria e o que diria. Guardei a bolsa e vesti um dos aventais pendurados num gancho. Chegara cedo. Se Sam quisesse falar comigo, haveria tempo.

Mas, quando cheguei ao bar, era Kennedy Keyes que estava atrás do balcão. Senti-me desiludida. Não por ter algum problema com Kennedy. Sempre gostara dela. Naquele dia, parecia muito animada. O seu cabelo castanho lustroso pendia-lhe em ondas soltas sobre os ombros, estava maquilhada com grande cuidado e o top rosado assentava-lhe muito bem, enfiado nas calças de linho. (Sempre insistira que os empregados de bar não deviam usar farda.)

— Estás com bom ar, Kennedy — disse, fazendo-a girar com o telefone colado ao ouvido.

— Falava com o meu querido. Não te ouvi entrar — disse, com um indício de reprovação. — O que tens feito? Já te passou a gripe? Pensei em levar-te uma lata de canja *Campbell's*. — Kennedy não sabia cozinhar e orgulhava-se disso, o que teria chocado a minha avó, a sério. E não acreditara por um segundo que eu estivesse doente.

— Senti-me muito mal. Mas estou melhor. — Era verdade. Sentia-me surpreendentemente feliz por estar de volta ao *Merlotte's*. Trabalhara ali mais tempo do que em qualquer outro emprego e passara a ser sócia de Sam. O bar era como uma segunda casa. Senti-me como se tivesse passado um mês sem lá ir. Tudo parecia igual. Terry Bellefleur viera muito cedo para limpar tudo muito bem, como era habitual. Comecei a tirar as cadeiras de cima das mesas, onde ele as colocara para esfregar o chão. Movendo-me com rapidez e com a eficiência de movimentos permitida pela longa experiência, ajeitei as mesas e comecei a enrolar talheres em guardanapos.

Após alguns minutos, ouvi a porta dos funcionários abrir. Soube que o cozinheiro chegara porque o ouvi cantar. Antoine trabalhava no *Merlotte's* há meses, mais do que duraram muitos cozinheiros. Quando as coisas estavam pouco movimentadas (ou, simplesmente, quando lhe apetecia), cantava. Porque tinha uma voz grave maravilhosa, ninguém se importava e eu muito menos. Não conseguia cantar nem que me obrigassem e apreciava muito as suas baladas.

— Olá, Antoine — disse-lhe.

— Sookie! — exclamou, espreitando pela janela de serviço. — Ainda bem que voltaste. Estás melhor?

— Estou ótima. Como estão os abastecimentos? Precisamos de encomendar alguma coisa?

— Se o Sam não voltar ao trabalho depressa, teremos de ir fazer compras a Shreveport — explicou Antoine. — Comecei a fazer uma lista. Ainda está doente?

Segui o exemplo de Bill. Encolhi os ombros.

— Apanhámos os dois um vírus qualquer — disse-lhe. — Tudo voltará ao normal em breve.

— Ainda bem. — Sorriu e desapareceu novamente para preparar a cozinha. Voltou a espreitar pela janela. — Ah. Veio cá uma amiga tua ontem.

— Sim, tinha-me esquecido — disse Kennedy. — Trabalhou aqui como empregada de mesa.

Havia tantas ex-empregadas que levaria meia hora a tentar adivinhar o seu nome. Não me interessava o suficiente. Pelo menos, não naquele momento, quando havia trabalho a fazer.

•

Manter o bar abastecido era uma preocupação constante. O melhor amigo do meu irmão, Hoyt Fortenberry, não tardaria a casar com Holly Cleary, uma das empregadas mais antigas do *Merlotte's*. Com o casamento próximo, Holly reduzira as horas de trabalho. Na semana anterior, tínhamos contratado a minúscula e magricela Andrea Norr. Gostava que lhe chamassem «An» (pronunciando-se «Aaan»). An era surpreendentemente esmerada, mas atraía homens como latas de refrigerante atraem vespas. Apesar de as suas saias serem mais compridas, as suas camisolas serem mais largas e as suas mamas serem mais pequenas do que as de todas as outras empregadas, os olhos masculi-

nos acompanhavam cada passo da nova contratação. An pareceu levar aquilo como adquirido. Teríamos sabido se não fosse assim porque, de todas as coisas de que gostava (e passámos a conhecê-las quase todas), uma das que mais lhe agradava era conversar.

Assim que An entrou pela porta dos fundos, ouvi-a e dei comigo a sorrir. Mal a conhecia, mas era engraçada.

— Sookie, vi o teu carro lá fora e soube que tinhas vindo. Ainda bem que vieste — gritou, algures junto aos cacifos. — Não sei que vírus apanhaste, mas espero que te tenha passado porque não quero adoecer. Se não puder trabalhar, não recebo. — A sua voz tornava-se cada vez mais próxima e, pouco depois, estava à minha frente, com o avental posto e com muito bom aspeto dentro da camisola do *Merlotte's* e de calças elásticas que terminavam abaixo do joelho. Dissera-me durante a entrevista de emprego que nunca usava calções fora de casa porque o seu pai era pastor, que a sua mãe era a melhor cozinheira na sua cidade natal e que não tinha sido autorizada a cortar o cabelo até sair de casa aos dezoito anos.

— Olá, An — disse-lhe. — Como estás?

— Estou bem. Mas tive saudades tuas. Espero que estejas melhor.

— Sinto-me muito melhor. Tenho de ir falar com o Sam. Os saleiros e os pimenteiros precisam de ser enchidos. Importas-te?

— Vou já tratar disso! Mostra-me onde guardamos o sal e a pimenta. Encho-os num instante. — Uma coisa era inegável acerca de An. Era uma trabalhadora incansável.

Todos faziam o que deviam fazer. Eu precisava de fazer o mesmo. Inspirei fundo. Antes de me acobardar, saí pela porta dos fundos e aproximei-me da caravana de Sam, pisando o caminho de pedras que atravessava o pequeno jardim. Pela primeira vez, percebi que havia um carro desconhecido estacionado ao lado da carrinha de Sam. Um carro pequeno com amolgadelas e pó como principais decorações. Tinha matrícula do Texas.

Não me surpreendeu por completo encontrar um cão enroscado no tapete de boas-vindas do pequeno alpendre que Sam acrescentara sobre a porta da caravana. A minha aproximação também não surpreendeu o cão. Levantou-se ao ouvir os meus passos, observando atentamente enquanto eu passava o portão e atravessava o relvado sobre as pedras cuidadosamente colocadas.

Parei a uma distância respeitosa dos degraus e olhei para o cão. Sam conseguia transformar-se em praticamente qualquer criatura de

sangue quente, o que tornava possível que fosse ele o cão... mas não me pareceu. Costumava escolher transformar-se num collie. Aquele labrador esguio não parecia ele.

— Bernie? — perguntei.

O labrador respondeu com um latido neutro e começou a abanar a cauda.

— Deixas-me bater à porta? — perguntei.

Pareceu pensar no assunto por um minuto. A seguir, desceu os degraus e pisou a relva, ficando a ver-me subir até à porta.

Virei-lhe as costas (com alguma apreensão) e bati. Após um minuto muito longo, Sam abriu.

Estava com péssima aparência.

— Estás bem? — perguntei. Era claro que não.

Sem falar, recuou para me deixar entrar. Vestia uma camisa de verão de manga curta e as suas calças de ganga mais velhas, tão gastas em alguns pontos que havia pequenos rasgos no tecido. O interior da caravana estava surpreendentemente sombrio. Sam esforçara-se muito, mas não conseguira deixar o espaço completamente escuro, não num dia soalheiro e quente como aquele. Por entre as cortinas corridas, a luz penetrava em feixes intensos como adagas de vidro brilhante.

— Sookie — disse Sam, com uma voz que parecia algo distante. Isso assustou-me mais do que qualquer outra coisa. Observei-o. Apesar de ser difícil interiorizar os pormenores, percebia que não se tinha barbeado e, apesar de ser sempre naturalmente magro, parecia ter perdido cinco quilos. Tomara banho, pelo menos. Talvez Bernie tivesse insistido. Depois de examinar Sam, olhei em redor, esforçando-me para ver a sala. Os contrastes de luz e sombra feriram-me os olhos.

— Posso abrir as cortinas? — perguntei-lhe.

— Não — respondeu, elevando um pouco a voz. A seguir, pareceu reconsiderar. — Está bem. Uma.

Movendo-me de forma lenta e cautelosa, puxei uma cortina da janela à sombra de um carvalho. Mesmo assim, a luz iluminou o interior da caravana e Sam estremeceu.

— Porque te incomoda a luz do Sol? — perguntei, tentando soar absolutamente calma.

— Porque morri, Sookie. Morri e regresssei. — Não parecia desagrado, mas também não soava feliz.

Muito bem. Porque não tinha tido notícias de Sam, calculara que a experiência não o fazia dançar de alegria pelas ruas, mas acreditei que,

pelo menos, estaria satisfeito com o resultado. Que diria alguma coisa como: «Que mulher maravilhosa. Agora que tive tempo de refletir, agradeço-te por teres mudado a tua vida para sempre e por me teres devolvido a minha. Que dádiva extraordinária.»

Foi o que pensei.

Outra vez enganada.



4

A mãe de Sam arranhou a porta. Porque o filho mantinha a postura «tensa e torturada», fui abrir. Bernie entrou nas suas quatro patas, aproximou o nariz brevemente da perna de Sam e percorreu o corredor curto que conduzia aos quartos.

— Sam — disse eu, para lhe chamar a atenção. Fitou-me, mas sem grande expressão. — Tens um bar para gerir — recordei. — Tens pessoas que dependem de ti. Depois de tudo o que passaste, não podes ir-te abaixo agora.

Os seus olhos pareceram focar-se em mim.

— Sookie — disse. — Não percebes. Morri.

— Tu é que não percebes — retorqui, com alguma irritação. — Eu estava lá. Tinha a mão em cima de ti quando o teu coração parou de bater. E trouxe-te de volta. Talvez devas pensar nisso, não? Na parte de teres voltado.

Se dissesse «morri» mais uma vez, não resistiria a esbofeteá-lo.

Bernie regressou na forma humana, vestindo calções caqui e uma blusa. Sam e eu estávamos demasiado embrenhados na conversa para falar com ela, apesar de eu a ter saudado com um aceno.

— Tinhas um cluiel dor — disse Sam. — Tinhas mesmo um.

— Tinha — admiti. — Agora não passa de um objeto bonito que parece uma caixa de pó de arroz.

— Porque o trazias contigo? Esperavas o que aconteceu?

Senti-me inquieta.

— Sam, quem poderia esperar uma coisa daquelas? Apenas pensei que não faria sentido ter algo assim se não o trouxesse comigo para o usar quando fosse preciso. Talvez a minha avó não tivesse morrido se tivesse feito o mesmo.

— Como um serviço de alerta de emergência das fadas — disse Sam.

— Sim. Como isso.

— Mas devias ter um plano para ele. Foi um presente... Talvez para salvar a *tua* vida.

Afastei o olhar, sentindo-me cada vez mais desconfortável. Tinha ido ali para descobrir o que se passava dentro da cabeça de Sam e não para motivar perguntas (ou para dar respostas) que poderiam carregá-lo com um fardo que não lhe pertencia.

— Foi um *presente*, o que significa que poderia usá-lo como entendesse — expliquei, tentando soar determinada e pragmática. — E escolhi fazer o teu coração voltar a bater.

Sam sentou-se na sua poltrona delapidada, a única peça de mobiliário na caravana que mereceria ser substituída.

Bernie disse:

— Senta-te, Sookie. — Aproximou-se e olhou para o seu filho mais velho, o único membro da família que herdara o gene metamorfo. — Estás a olhar para a poltrona — disse, fazendo conversa ao perceber que Sam não falava. — Era do meu marido. O único dos seus pertences que dei quando morreu por me fazer pensar demasiado nele. Talvez devesse ter ficado com ela e, se tivesse olhado para ela todos os dias, talvez não me tivesse casado com o Don.

Talvez o problema de Bernie não fosse tanto ter casado com Don e sim não lhe ter contado antes do casamento que conseguia transformar-se num animal. Mas, de qualquer forma, Don não a devia ter alvejado quando descobriu. Não se dá um tiro em quem se ama.

— «Talvez» é uma palavra péssima — considere. — Podemos questionar as nossas ações até aos tempos de Adão e Eva.

Bernie riu-se e Sam ergueu o olhar. Percebi uma centelha do seu antigo eu naquele olhar. A verdade amarga subiu-me pela garganta acima. O preço de trazer Sam de volta fora a sua transformação num homem diferente. A experiência da morte transformara-o, possivelmente para sempre. E talvez a sua ressurreição me tivesse transformado a mim.

— Como te sentes fisicamente? — perguntei. — Pareces um pouco abalado.

— É uma forma de pôr as coisas — disse. — Quando a minha mãe chegou, teve de me ajudar a andar. É estranho. Sentia-me bem quando voltei contigo para casa naquela noite e não tive problemas para conduzir até aqui na manhã seguinte. Mas, depois, foi como se o meu corpo precisasse de reaprender. Como... depois de uma doença prolongada. Tenho-me sentido tão mal e não consigo perceber porquê.

— Suponho que faça parte do processo de luto.

— Luto?

— É natural — disse-lhe. — Sabes porquê. A Jannalynn?

Sam fitou-me. A sua expressão não foi o que eu esperava. Era um misto de confusão e embaraço.

— Que tem ela? — perguntou. Conseguiria jurar que a sua incompreensão era genuína.

Movi os olhos na direção de Bernie, que estava tão confusa como Sam (e de forma mais compreensível). Não estivera no encontro da alcateia, claro e, até ali, não falara com alguém que tivesse estado presente. Conhecera Jannalynn, apesar de não saber ao certo se conheceria a dimensão do envolvimento de Sam com a lobisomem. Houvera facetas de Jannalynn que poucos homens quereriam mostrar às mães.

— Aquela lobisomem que me apareceu em casa? — perguntou Bernie. — A que fez o Sam tentar esconder-me que namorava com ela?

Senti-me incrivelmente desconfortável.

— Sim. Essa Jannalynn — disse.

— Tenho-me interrogado porque não tive notícias dela — apressou-se Sam a dizer. — Mas, com todas as coisas más de que a acusam e porque acredito que as fez, não esperei voltar a vê-la. Disseram-me que foi para o Alasca.

Não havia um psiquiatra por perto. Não sabia como lidar com aquilo.

— Sam, lembras-te do que aconteceu nessa noite? Lembras-te do motivo para lá estarmos? — O melhor seria começar pelo princípio.

— Não exatamente — admitiu. — É tudo muito confuso. A Jannalynn foi acusada de ter feito alguma coisa ao Alcide, não foi? Lembro-me de me sentir furioso e muito miserável por ter gostado tanto dela quando começámos a ver-nos. Mas não me surpreendeu. Suponho que terei percebido que, basicamente, não era... uma boa pessoa. Lembro-me de conduzir até à quinta do Alcide contigo ao lado e lem-

bro-me de ver o Eric, o Alcide e a alcateia. Acho que me lembro de uma piscina... E de areia?

Acenei afirmativamente.

— Sim. Uma piscina e um campo de voleibol em areia. Lembras-te de mais alguma coisa?

Sam começou a parecer incomodado.

— Lembro-me da dor — disse. Parecia rouco. — E de alguma coisa na areia. Estava... Lembro-me de regressar na carrinha contigo a conduzir.

Merda. Odiava ser a reveladora de serviço.

— Esqueceste algumas coisas, Sam — comecei, de forma tão gentil quanto conseguiria. Ouvira falar de pessoas que esqueciam acontecimentos traumáticos, sobretudo quando sofriam ferimentos graves. Acontecia a pessoas envolvidas em acidentes de viação e também a pessoas atacadas. Calculei que Sam merecia esquecer um acontecimento ou outro, já que tinha morrido.

— O que esqueci? — Fixava em mim um olhar lateral que fazia lembrar um cavalo nervoso, mantendo as costas rígidas como uma tábua. Algures dentro da sua cabeça, sabia o que acontecera.

Estendi-lhe as mãos, com as palmas voltadas para cima.

— Queres mesmo fazer isto agora?

— Sim, suponho que preciso de saber — disse. Bernie agachou-se junto à poltrona do filho de forma nada humana. Olhava-me fixamente. Sabia que não diria nada que fizesse o filho sentir-se melhor. Compreendia o desagrado que lhe provocava, mas, estivesse ou não presente, teria de seguir em frente.

— Porque a Jannalynn traiu a alcateia e quase matou o Warren por incúria enquanto o manteve como refém, Mustapha Khan enfrentou-a — disse, reduzindo a história aos elementos essenciais que diziam respeito a Sam. — Lembras-te do Mustapha?

Sam acenou afirmativamente.

— Teve direito a um julgamento por combate. Não sei como funciona ao certo. Surpreendeu-me que lhe tivessem concedido esse privilégio. Lutaram com espadas.

Subitamente, a face de Sam empalideceu. Hesitei, mas não o ouvi dizer nada e continuei.

— A Jannalynn saía-se muito bem, mas, em vez de se concentrar em derrotar o Mustapha, decidiu fazer uma última tentativa para controlar a alcateia. Pelo menos, acho que era esse o seu objetivo. — Ex-

pirei demoradamente. Tinha pensado naquilo dia e noite e continuava sem perceber. — Ou talvez tenha sido só um impulso para se vingar do Alcide, para, de certa forma, ter a última palavra. Seja como for, a Jannalynn controlou o combate até ficar perto do sítio onde tu e o Alcide estavam. — Hesitei novamente, esperando que me pedisse para parar, que recordasse o que se seguia.

Não aconteceu, apesar de ter ficado pálido como um vampiro. Mordi o lábio e preparei-me para continuar.

— Saltou sobre o Alcide e golpeou-o com a espada, mas o Alcide percebeu a tempo e saltou para o lado. Atingiu-te a ti. Nunca quis magoar-te.

Sam não respondeu à minha tentativa débil de consolo. «Sim, a tua namorada matou-te, mas não queria fazê-lo, está bem?»

— O golpe foi grave... como sabes. Caíste e houve... Foi horrível. — Deitara fora as roupas que vestira. E a camisa de Sam, a que ele deixara em minha casa. — Foste atingido — continuei. — Foste atingido com gravidade e morreste.

— Doeu — disse ele, curvando-se como se sentisse um vento forte. Bernie cobriu a mão do filho com a sua.

— Nem consigo imaginar — disse-lhe, baixando a voz, apesar de conhecer muito bem a dor. — O teu coração parou de bater. Usei o meu cluviel dor para te curar e para te trazer de volta.

— Chamavas-me. Disseste-me que vivesse. — Finalmente, enfrentava o meu olhar.

— Sim — disse-lhe.

— Lembro-me de abrir os olhos e ver a tua cara.

— O teu coração recomeçou a bater — recordei, enquanto sentia a enormidade dos acontecimentos dominar-me. Um formigueiro alastrou-se-me pela pele.

— O Eric estava atrás de ti, olhando para nós como se nos odiasse — continuou Sam. — E, depois, foi-se embora com velocidade de vampiro.

— Lembras-te de falarmos no caminho para casa?

Ignorou a pergunta.

— Mas que aconteceu à Jannalynn? — perguntou. — Não era isso que me querias dizer?

Passara junto ao seu cadáver, e à sua cabeça, enquanto o amparava até à carrinha. Olhara para o cadáver. Percebia porque não queria recordar. Eu também não queria e nem sequer gostara de Jannalynn.

— O Mustapha executou-a — expliquei, sem elaborar.

O olhar de Sam fixou-se em mim, mas não havia nada por trás do olhar. Não fazia ideia do que pensava. Talvez tentasse recordar o que vira. Talvez recordasse com muita clareza e não quisesse fazê-lo.

Bernie abanava-me a cabeça sobre o ombro de Sam. Pensava que o filho já ouvira demasiado e queria que me fosse embora. Era fácil perceber isso mesmo sem ser telepata. Não sei se teria saído de outra forma. Achava que precisava de acrescentar mais algumas informações, mas tratava-se da mãe de Sam. Ergui-me, sentindo-me uns dez anos mais velha do que quando batera à porta da caravana.

— Vemo-nos depois, Sam — disse. — Por favor, regressa ao trabalho depressa. — Não respondeu. Continuava com os olhos fixos no sítio onde antes me sentara.

— Adeus, Sookie — disse Bernie. — Precisamos de falar mais tarde.

Preferiria caminhar descalça sobre pregos.

— Claro — disse, antes de sair.

No bar, o dia de trabalho desenrolou-se num ritmo estranhamente normal. Era difícil recordar que nem todos conheciam os acontecimentos importantes do mundo sobrenatural, mesmo quando ocorriam debaixo dos narizes da população humana normal. É mesmo que cada humano no bar soubesse, poderiam não se importar muito.

O grande tema de conversa era o desmaio de Halleigh Bellefleur no Clube Rotário, depois de se levantar para ir à casa de banho. Por estar grávida de sete meses, todos ficaram preocupados. Terry, o primo do marido, veio buscar *pickles* fritos e tranquilizou-nos, assegurando que Halleigh estava bem e que Andy a levava ao médico. De acordo com Terry, o médico dissera a Andy que o bebé pressionara alguma coisa e, quando se moveu, a pressão arterial de Halleigh alterou-se. Ou algo parecido.

O movimento do almoço foi moderado, o que fazia sentido porque os rotários se reuniam no *Sizzler Steak House*. Quando o número de clientes se reduziu mais ainda, entreguei as minhas mesas a An enquanto corria aos Correios para recolher a correspondência do bar. Senti-me horrorizada por ver a quantidade de correspondência que se acumulara na caixa do *Merlotte's*. A recuperação de Sam adquiria uma nova urgência.

Trouxe o correio para o bar e instalei-me no gabinete de Sam para o abrir. Trabalhava ali há cinco anos, prestara atenção e sabia muito so-

bre a gestão do negócio. Agora podia passar cheques, mas havia decisões a tomar. Aproximava-se a renovação do contrato de televisão por cabo e Sam falara de uma mudança de empresas. Duas organizações de caridade pediam bebidas caras para leiloar. Seis outras organizações de caridade locais limitavam-se a pedir dinheiro descaradamente.

O mais espantoso de tudo era termos recebido uma carta de um advogado de Clarice, um tipo novo na área. Queria saber se pretendíamos pagar a ida às urgências de Jane Clementine Bodehouse. O advogado ameaçava delicadamente processar o *Merlotte's* pelo sofrimento mental e físico de Jane se não pagássemos. Olhei para a quantia no fundo de uma cópia da conta hospitalar. Bolas. Jane fora transportada na ambulância e fizera uma radiografia. Também precisara de pontos que, a avaliar pela conta, teriam sido dados com fio de ouro.

— Jesus Cristo — murmurei, antes de voltar a ler a carta.

Quando o *Merlotte's* foi atacado à bomba em maio, Jane, uma das nossas clientes alcoólicas, foi atingida por estilhaços de vidro. Foi tratada pelos paramédicos, que a levaram às urgências para fazer exames. Deram-lhe alguns pontos. Estava bem... bêbada, mas bem. Todos os seus ferimentos eram menores. Passara as semanas anteriores a recordar essa noite, relembrando a sua bravura e como isso a fazia sentir-se bem. Agora, enviava-nos uma conta enorme e ameaçava processar-nos?

Franzi a testa. Estaria muito além da capacidade mental de Jane. Apostava que aquele advogado novo tentava ganhar dinheiro à nossa custa. Calculei que tivesse ligado a Marvin, dizendo-lhe que a mãe merecia dinheiro para compensar tudo o que sofrera. Marvin, que estava farto de vir arrancar Jane ao *Merlotte's*, ter-se-á mostrado muito receptivo à possibilidade de receber algum dinheiro do bar, depois de a mãe lá ter gastado tanto.

Uma batida na porta pôs fim às minhas especulações. Rodei a cadeira giratória de Sam para ver alguém que esperara não voltar a ver. Por um segundo, achei-me capaz de desmaiar como Halleigh Bellefleur no Clube Rotário.

— Arlene — disse. Não consegui dizer mais nada. A minha antiga colega, a minha antiga amiga, parecia esperar que dissesse algo mais. Finalmente, consegui acrescentar: — Quando saíste?

Além de ser muito estranho, o momento foi também bastante enervante. Quando vi Arlene Fowler pela última vez (sem contar com o tribunal), ela fizera parte de uma conspiração para me matar de for-

ma particularmente horrenda. Houve gente atingida a tiro nesse dia. Alguns morreram. Alguns ficaram feridos. Alguns dos feridos recuperaram na prisão.

Estranhamente, considerando que estava perante alguém que tinha conspirado para me matar, não senti medo dela.

Tudo o que podia pensar era em quanto Arlene mudara. Meses antes, fora uma mulher curvilínea. Agora, estava magra. O cabelo mantinha o ruivo desafiador, mas estava mais curto e mais seco, sem brilho nem vida. As rugas à volta dos olhos e da boca tornavam-se cruelmente evidentes com a luz do teto. O tempo que Arlene passara na prisão não fora longo, mas parecia tê-la envelhecido em anos de cão.

— Saí há quatro dias — disse. Examinava-me da mesma forma que a examinara a ela. — Estás com bom aspeto, Sookie. Como está o Sam?

— Está doente hoje, Arlene — respondi. Senti-me um pouco zozza. — Como estão a Lisa e o Coby?

— Estão confusos — disse. — Perguntaram-me porque é que a tia Sookie não foi visitá-los.

— Achei que seria muito estranho depois do que aconteceu. — Enfrentei-lhe o olhar até a ver acenar relutantemente com a cabeça e virar a cara. — Sobretudo porque tive a certeza que lhes debes ter dito coisas horríveis a meu respeito. Quando decidiste atrair-me a tua casa para que os teus amigos pudessem crucificar-me.

Arlene corou e olhou para as mãos.

— Ficaram com a Helen enquanto estiveste presa? — perguntei, não sabendo de que outra coisa poderíamos falar.

A nova melhor amiga fanática de Arlene prometeu cuidar das crianças quando os levou da caravana antes de começar o tiroteio.

— Não. Fartou-se deles após uma semana. Entregou-os à Chessie.

— À Chessie Johnson?

— Chamava-se Chessie Fowler antes de casar com o Brock — explicou Arlene. — A Chessie é... era... prima direita do meu ex. — (O ex cujo apelido Arlene mantivera, apesar de ter sido casada várias vezes. Rick Fowler morrera num acidente de mota em Lawton, no Oklahoma.) — Quando a Jan Fowler morreu naquele incêndio no lago, deixou algum dinheiro à Chessie. Não vive mal. Adora os miúdos. Poderia ter sido pior. — Arlene não parecia irritada com Helen. Apenas resignada.

Francamente (e chamem-me vingativa), o que queria era ver Arlene furiosa consigo própria. E, no entanto, não captava nada semelhante e conseguia vê-la por dentro e por fora. O que ouvia nos seus

pensamentos era uma malícia ardente, uma falta de esperança ou de incentivo e um ódio constante ao mundo que a tratara tão mal... do seu ponto de vista.

— Então espero que os miúdos estejam bem com os Johnson — disse. — De certeza que sentiram a falta da mãe. — Encontrara duas coisas sinceras para dizer. Pensei onde estaria a arma de Sam. Tentei perceber a rapidez com que conseguiria chegar a ela se estivesse na gaveta direita da secretária, como suspeitava.

Por um segundo, pareceu prestes a chorar.

— Acho que sim. Tenho muita coisa para lhes explicar.

Pensei que me sentiria muito feliz quando aquela conversa chegasse ao fim. Havia, pelo menos, uma emoção que conseguia reconhecer. Arrependimento pelo que fizera à família.

— Saíste muito cedo, Arlene — disse, percebendo subitamente o que era mais surpreendente na sua presença no gabinete de Sam.

— Arranjei um advogado novo. Conseguiu que saísse com um recurso — disse. — E o meu comportamento na prisão foi bom, claro, por ter muita motivação. Sookie, nunca teria deixado que te magoassem.

— Arlene, não podes mentir-me — recordei à minha antiga amiga. A dor da traição de Arlene era uma cicatriz escarlate e dolorosa no meu espírito.

— Percebo que não confias em mim — disse Arlene.

Brilhante dedução, Sherlock. Esperei pelas palavras que sabia virem a seguir. Jogaria a carta da reabilitação.

— E não te censuro — disse Arlene. — Não sei onde estava com a cabeça, mas não era em cima dos ombros, de certeza. Estava cheia de raiva e muito infeliz e procurava uma forma de culpar alguém por isso. Odiar os vampiros e os lobisomens foi a coisa mais fácil a fazer. — Aceitou com a cabeça de forma solene e convicta.

Alguém fizera terapia.

Não troço da terapia. Conheci pessoas a quem fez muito bem. Mas Arlene repetia as ideias do terapeuta tal como repetira as ideias anti-sobrenaturais da Irmandade do Sol. Quando encontraria convicções próprias? Parecia-me incrível agora como teria conseguido admirar Arlene de forma tão sincera durante anos. Mas ela tinha uma grande paixão pela vida, uma química fácil com os homens, tinha dois filhos adoráveis e ganhava a vida. Para mim, eram coisas invejáveis.

Agora, passava a vê-la de forma diferente. Consequia atrair ho-

mens, mas não conseguia mantê-los. Podia amar os seus filhos, mas não o suficiente para se manter fora da prisão para cuidar deles. Podia trabalhar e criar os filhos sozinha, mas não sem um fluxo constante de homens a passar-lhe pelo quarto.

Amara-a pela sua disponibilidade para ser minha amiga quando percebia que tinha tão poucos amigos reais, mas passava a compreender que me usara como *babysitter* para Coby e Lisa, como empregada de limpeza gratuita e como incentivadora e admiradora. Quando consegui encontrar uma vida própria, tentou que fosse assassina.

— Ainda me queres morta? — perguntei.

Estremeceu.

— Não, Sookie. Foste uma boa amiga e voltei-me contra ti. Acreditei em tudo o que a Irmandade pregava.

Os seus pensamentos batiam certo com as palavras, pelo menos. Eu continuava a não ser grande pessoa na opinião de Arlene.

— E foi por isso que vieste hoje? Para reparar as coisas?

Apesar de ver a verdade dos seus pensamentos, não consegui acreditar realmente até a ouvir dizer:

— Vim ver se o Sam aceitaria contratar-me outra vez.

Não consegui dizer nada, tal era o espanto. Ficou inquieta enquanto a fitava. Por fim, consegui responder.

— Arlene, sinto muito pelos teus filhos e sei que queres reavê-los e cuidar deles — disse. — Mas não posso trabalhar contigo aqui no *Merlotte's*. Penso que perceberás que seria impossível.

Ficou hirta e ergueu o queixo.

— Falarei com o Sam — disse. — E veremos o que terá a dizer. — A velha Arlene mostrou a cara. Estava segura de que poderia apelar a um homem e convencê-lo.

— Sou eu que trato das contratações agora. Passei a ser sócia do Sam — expliquei, apontando o peito com o indicador. Arlene olhou-me, indiscutivelmente chocada. — Nunca poderia funcionar. Tens de saber isso. Traíste-me da pior forma possível. — Senti uma pontada de mágoa, mas não conseguia perceber que parte daquele encontro me magoava mais: o destino dos filhos de Arlene ou o facto de haver gente capaz de distribuir ódio e de encontrar quem o aceitasse.

O confronto na expressão de Arlene não foi confortável de ver. Queria responder à altura, mas acabara de me dizer que mudara e que compreendia o erro das suas ações passadas e, por isso, não poderia

defender-se. Ela fora o elemento dominante da nossa «amizade» e interiorizava o facto de já não ter qualquer autoridade sobre mim.

Inspirou fundo e susteve a respiração por um momento. Pensava na raiva que sentia, pensava em protestar, em dizer-me como Coby e Lisa ficariam desiludidos... quando percebeu que nada daquilo faria diferença porque estivera disposta a ver-me crucificada.

— Isso mesmo — disse-lhe. — Não te odeio, Arlene. — Surpreendeu-me perceber que era verdade. — Mas não posso estar perto de ti. Nunca mais.

Girou sobre os calcanhares e saiu. Procuraria os seus novos amigos para partilhar com eles a sua amargura. Percebia-o pelo que captava na sua cabeça. Não surpreendia que fossem homens. Era tão típico dela.

A mãe de Sam entrou pouco depois de Arlene sair. Bernie permaneceu no vão da porta, vendo Arlene afastar-se até a minha antiga amiga sair pela porta da frente do *Merlotte's*. A seguir, ocupou a cadeira que Arlene deixara vazia.

Seria um dia de conversas muito desconfortáveis.

— Ouvi tudo — disse Bernie. — E, um dia, terás de me contar a história toda. O Sam está a dormir. Explica-me o que lhe aconteceu. — Bernie parecia muito mais humana. Tinha aproximadamente a minha altura e era magra. Reparei que pintara o cabelo da mesma cor do cabelo de Sam: um louro-arruivado. O cabelo de Bernie era mais ordeiro do que alguma vez fora o de Sam. Pensei por um momento se sairia com alguém. Mas, naquele momento, tudo o que lhe importava era ser mãe.

Conhecia já os elementos principais da história, mas preenchi o que faltava.

— Então o Sam andava envolvido com esta Jannalynn, a mesma que veio à nossa casa em Wright, mas começava a ter dúvidas acerca dela. — Bernie franzia a testa, mas não estava irritada comigo. Estava irritada com a vida por não tratar bem Sam, porque o amava tanto.

— Penso que sim. Adorou-a durante algum tempo, mas isso desvaneceu-se. — Não tentaria explicar aquela relação e não me caberia fazê-lo. — Percebeu algumas coisas a respeito dela e... não lhe terá partido o coração, acho... mas foi doloroso.

— O que há entre ti e ele? — Bernie olhou-me nos olhos.

— Sou sua amiga. Sua boa amiga. E, agora, também sou sua sócia.

— Hmm... — Olhou-me de uma forma que poderia descrever apenas como cética. — E sacrificaste um artefacto insubstituível para lhe salvar a vida.

— Gostava que parassem de referir isso — disse, estremeando. Parecera uma criança de dez anos. — Ainda bem que o fiz — acrescentei, num tom mais adulto.

— O teu namorado, o tal Eric, partiu da propriedade do lobisomem logo a seguir.

Chegava a conclusões incorretas.

— Sim... É uma longa história. Não esperou que usasse o cluviel dor daquela forma. Achou que deveria usá-lo...

— Em seu benefício. — Terminou a frase por mim, uma coisa que sempre me irritava.

Mas estava certa.

Esfregou as mãos.

— Portanto, o Sam está vivo, tu não tens namorado e a Jannalynn está morta.

— Isso resume a questão — concordei. — Apesar de a questão do namorado estar ainda pendente por um fio. — Desconfiei que seria menos que isso, mas não o admitiria a Bernie.

Bernie fixou o olhar nas mãos com uma expressão imperscrutável enquanto pensava. A seguir, ergueu-o.

— O melhor será voltar ao Texas — disse, abruptamente. — Fico esta noite para me certificar de que acorda mais forte amanhã, antes de partir.

A sua decisão surpreendeu-me. Sam parecia longe de estar recuperado.

— Parece-me bastante infeliz — disse, tentando não parecer que a julgava.

— Não conseguirei torná-lo feliz — disse Bernie. — Tem a matéria-prima toda. Apenas terá de a trabalhar. Ficaré bem. — Acenou brevemente com a cabeça, como se, depois de proferir as palavras, a realidade se tornasse como dizia.

Bernie parecera sempre uma mulher terra a terra. No entanto, pensei que não se preocupava adequadamente com a recuperação emocional de Sam. Dificilmente poderia insistir que ficasse. Afinal, Sam era um trintão.

— Está bem — disse, com incerteza. — Tenha uma boa noite e ligue-me se precisar de mim.

Bernie ergueu-se da cadeira e ajoelhou-se à minha frente.

— Devo-te uma vida — disse. Ergueu-se com maior facilidade do que eu teria conseguido, apesar de ter quase o dobro da minha idade. E saiu.

NOUTRA PARTE
EM BON TEMPS

— Disse que não — contou Arlene Fowler ao homem alto e ao homem médio. A velha caravana estava quente e a porta mantinha-se aberta. O interior apresentava-se bafiento e desarrumado. Ninguém ali vivera durante algum tempo. O sol entrava pelos buracos de balas, criando estranhos padrões de luz na parede oposta. Arlene sentava-se numa velha cadeira de cozinha de metal cromado e vinil enquanto os seus dois convidados se inclinavam para diante no sofá danificado.

— Sabia que ela teria de o fazer — disse o homem médio, com alguma impaciência. — Esperávamos que assim fosse.

Arlene pestanejou. Perguntou:

— Então porque me pediram que o fizesse? Fez-me sentir muito mal. E ocupou tempo precioso na viagem para ver os meus filhos.

— De certeza que ficaram felizes por vê-la — disse o homem médio, fixando os olhos pálidos na face abatida de Arlene.

— Sim — respondeu, com um ligeiro sorriso. — Ficaram muito felizes. A Chessie nem por isso. Adora-os. Parecem ter-se habituado a viver com ela. Saem-se bem na escola, os dois.

Nenhum dos homens tinha qualquer interesse na evolução ou bem-estar das crianças, mas responderam com ruídos de aprovação.

— Certificou-se de entrar pela porta da frente do bar? — perguntou o homem alto.

Arlene acenou afirmativamente.

— Sim. E falei com três pessoas. Tal como mandaram. Não preciso de fazer mais nada?

— Precisamos que faça mais uma coisa — disse o homem alto, com voz melíflua. — E não será difícil.

Arlene suspirou.

— O que é? — perguntou. — Tenho de procurar um sítio para viver. Não posso trazer os meus filhos para aqui. — Olhou em redor.

— Sem a nossa intervenção, não teria podido ver os seus filhos.

Arlene sentiu uma pontada de desconfiança.

— Ameaçam-me — disse, mas isso não a surpreendeu verdadeiramente. — O que querem que faça?

— Foi uma boa amiga da Sookie — disse o homem alto.

Acenou afirmativamente.

— Muito boa amiga — confirmou.

— Então sabe onde guarda uma chave extra no exterior da sua casa — disse o homem médio.

— É verdade — respondeu Arlene. — Planeiam invadir-lhe o domicílio?

— Não será realmente uma invasão se tivermos a chave, não é? — O homem médio sorriu e Arlene tentou retribuir.

— Suponho que não — disse.

— Nesse caso, o que precisamos é que use essa chave para entrar. Abra a gaveta do seu quarto onde guarda os lenços. Traga-nos um lenço que a tenha visto usar antes.

— Um lenço — disse Arlene. — Que farão com ele?

— Nada que mereça a sua preocupação — disse o homem alto. E sorriu. — Pode ter a certeza que o resultado desagradará à proprietária do lenço. E, porque rejeitou o seu pedido de emprego e porque não estaria aqui se não fosse ela, não deverá preocupá-la a si.

Arlene pensou por um momento.

— Suponho que não — disse.

— Sabe que ela está a trabalhar agora — disse o homem médio. — Penso que o momento seria ideal para ir a sua casa. E, para o caso de a casa estar protegida, leve isto consigo. — Passou-lhe uma moeda estranha e velha. Parecia velha, pelo menos, e era surpreendentemente pesada para o seu tamanho. — Mantenha-a no bolso — recomendou.

Arlene mostrou-se sobressaltada. Olhou para o pequeno objeto com desconfiança antes de o enfiar no bolso.

— Está bem. Vou a casa da Sookie agora. Depois, tenho de procurar casas para alugar. Quando chegará o dinheiro à minha conta?

— Amanhã — assegurou-lhe o homem alto. — Encontrará uma casa e os seus filhos poderão voltar a viver consigo.

— E não querem que faça mais nada? Pedi um emprego e, daqui a pouco, vou buscar um lenço a uma gaveta? Com esta coisa no bolso?

— Bom, terá de se encontrar connosco para nos dar o lenço e a moeda — explicou o homem alto, encolhendo os ombros. — Não será difícil.

— Está bem — disse Arlene. — Se o meu velho carro conseguir chegar lá. Não se tem saído muito bem depois de ter estado parado no quintal da Chessie desde que fui presa.

— Aqui tem algum dinheiro para gasolina — disse o homem alto, puxando pela carteira e passando dinheiro a Arlene. — Não desejaríamos que ficasse a meio do caminho.

— Não — disse o homem médio. — Não desejaríamos isso.
— Ligo-vos com aquele telemóvel que me deram quando tiver o lenço — disse Arlene. — Podemos encontrar-nos hoje à noite.
Os dois homens entreolharam-se em silêncio.
— Hoje à noite será perfeito — disse o homem alto após um segundo ou dois. — Perfeito.





5

Vi Terry Bellefleur pela segunda vez nesse dia enquanto abastecia o carro na bomba do *Grabbit Kwik*. Enchia o tanque da sua carrinha. *Annie*, a cadela catahoula de Terry, estava nas traseiras da carrinha. Interessava-se por tudo o que se passava na estação de serviço, mesmo arfando muito com o calor.

Percebi como se sentia. Agradava-me ter esperado até ao fim da tarde para me ocupar daquela tarefa. Pelo menos, o pavimento não parecia prestes a derreter e não tinha de deitar a língua de fora.

Depois de Terry puxar o talão da bomba, chamei-o. Voltou-se e sorriu.

— Olá, Sook. Como está o Sam? Gostei de te ver hoje. Gostava de me ter sentado numa mesa tua e não numa mesa da An. Fala de mais.

Era o único homem que conhecia que não uivava à Lua quando via An Norr.

— Talvez o Sam volte ao trabalho amanhã — disse.

— Que estranho terem adoecido os dois ao mesmo tempo.

Era também a única pessoa em *Bon Temps* que diria aquilo sem qualquer expressão maliciosa. Ouvira vários comentários no bar acerca da minha ausência conjunta com Sam durante quatro dias.

— Como está a Jimmie? — perguntei. Jimmie era a sua namorada. Pelo menos, achava que fosse esse o seu relacionamento. Agradou-me

ver que Terry tinha o cabelo cortado e penteado e que tinha feito a barba nos últimos dias. Jimmie fora uma boa influência.

— Está muito bem — respondeu. — Pedi ao pai dela a mão da filha em casamento. — Terry baixou o olhar de forma um pouco nervosa enquanto partilhava aquele facto importante. Passara por um mau bocado como prisioneiro de guerra no Vietname. Regressara com muitos problemas físicos e mentais. Agradava-me imenso que tivesse encontrado alguém e sentia-me orgulhosa da sua determinação em fazer o que estava certo.

— Que respondeu ele? — Sentia-me genuinamente curiosa. Apesar de Jimmie ser um pouco mais jovem que Terry, surpreendeu-me um pouco saber que o seu pai ainda estava vivo.

— Disse que, se os filhos da Jimmie não se importarem, ele também não.

— Filhos — repeti, tentando perceber os pormenores da conversa que me escapavam.

— Tem dois filhos e uma filha. Com dezanove, vinte e vinte e dois anos — disse Terry. Em seu crédito, pareceu feliz ao dizê-lo. — Todos eles têm filhos. Passei a ter netos.

— E os filhos dela estão felizes com a possibilidade de terem um padrasto? — Esbocei um sorriso amplo.

— Sim — respondeu, corando. — Ficaram muito contentes. O pai deles morreu há dez anos e era um sacana mau. A Jimmie não teve uma vida fácil.

Abracei-o.

— Fico tão feliz por ti — disse-lhe. — Quando será o casamento?

— Bom... — Corou ainda mais. — Foi ontem. Atravessámos a fronteira estadual e fomos casar-nos a Magnolia.

Não evitei abrir a boca de espanto e bati-lhe com a mão nas costas algumas vezes, mas as pessoas esperavam que seguissemos em frente para poderem abastecer os carros. Não pude partir sem fazer uma festa a *Annie* nem sem lhe dar também os parabéns por ter encontrado um marido. (O pai da sua última ninhada era o catahoula de Jimmie e, certamente, o pai da próxima também seria.) *Annie* parecia tão agradada como Terry.

Continuava a sorrir quando parei ao fundo do caminho para abrir a caixa de correio. Disse a mim mesma que seria a última vez que sairia com o calor até ao dia seguinte. Não me apeteceu sair outra vez do ar condicionado do carro. Em julho, às sete, o Sol continuava no céu e

assim continuaria durante mais uma hora. Apesar de a temperatura já não se aproximar dos quarenta graus, continuava bastante quente. Sentia o suor escorrer pelas costas enquanto abastecia o carro. Só conseguia pensar em enfiar-me no duche.

Nem sequer olhei para a pequena pilha de cartas. Atirei-a sobre a bancada da cozinha e dirigi-me diretamente à casa de banho, despindo a roupa suada pelo caminho. Segundos depois, a água caía sobre mim e sentia-me imensamente feliz. Ouvi tocar o telemóvel, mas decidi não me apressar. O duche sabia-me bem de mais. Sequei-me e liguei o secador. O sopro de ar quente pareceu ecoar pelas divisões.

Fixei na cómoda um olhar orgulhoso quando entrei no quarto. Sabia que tudo o que continham as gavetas estava organizado, tal como tudo o que estava guardado na mesa de cabeceira e no toucador. Podia não ter controlo sobre grande parte da minha vida, mas ninguém negaria que as minhas gavetas estavam organizadas. Reparei que uma estava ligeiramente aberta. Franzi a testa. Costumava empurrar as gavetas até ao fim. Fora uma das regras da minha mãe e, apesar de a ter perdido aos sete anos, nunca me esquecera. Até Jason tinha o cuidado de fechar as gavetas até ao fim.

Abri-a e olhei para o interior. Era a minha gaveta de acessórios diversos (meias, lenços, bolsas de noite e cintos) e continuava ordeira, apesar de os lenços não parecerem alinhados exatamente como os deixara e de um dos cintos castanhos estar misturado com os cintos pretos. Hmm. Depois de olhar para o conteúdo da gaveta durante um longo momento, desejando conseguir fazer os objetos falarem, fechei a gaveta, certificando-me de que a fechava adequadamente. O som de madeira batendo contra madeira ecoou na casa vazia.

A moradia grande e velha, que albergara os Stackhouse durante mais de cento e cinquenta anos, nunca parecera particularmente vazia até acolher hóspedes. Depois de Amelia regressar a Nova Orleães para pagar a dívida ao seu círculo de bruxas, passara a sentir-me sozinha. Mas consegui reabilitar-me. Depois, Claude e Dermot vieram morar comigo... e partiram para sempre. Sentia-me como uma pequena abelha a voar dentro de uma enorme colmeia vazia.

Naquele momento, percebi que era confortante pensar que, do outro lado do cemitério, Bill despertaria. Mas estava morto até ao anoitecer.

Senti uma pontada de melancolia quando recordei os olhos escuros de Bill e apliquei a mim mesma uma bofetada. Estava a ser ton-

ta. Não permitiria que a solidão me empurrasse de volta ao meu ex. Recordei que continuava a ser casada com Eric Northman de acordo com as tradições dos vampiros, apesar de ele estar de relações cortadas comigo naquele momento.

Mesmo com a relutância que sentia em tentar aproximar-me novamente de Eric por vários motivos (tenho orgulho e ele estava ferido), estava cansada de pensar e de me questionar acerca do que aconteceria na sociedade fechada dos vampiros.

Claro, refleti. Ficam felizes por me ver quando tenho um plano sólido para matar alguém, mas, quando quero ser informada acerca da minha relação, ninguém me diz nada.

Não sentia azedume. Ou irritação ou mágoa. Nem acreditava que muitos vampiros se preocupassem com o meu bem-estar emocional.

Sacudi-me como um cão saindo de um lago, libertando-me do arrependimento e da impaciência. Caber-me-ia julgar os vampiros? Não. Caberia a um poder superior.

Olhei para o exterior, vendo que acabara de anoitecer por completo. Antes de poder pensar em mais alguma coisa, ergui o telemóvel e escolhi o número de Eric nos contactos de marcação rápida. Precisava de o fazer antes de perder a coragem.

— Sookie — disse, depois do segundo toque. Permitti-me sentir surpresa. Duvidara que atendesse.

— Precisamos de falar — disse-lhe, fazendo um enorme esforço para permanecer calma. — Depois da minha visita ao *Fangtasia*, parece-me que me evitas. Deixaste claro que não queres que visite o bar. Presumo que também não queiras que vá a tua casa. Mas sabes que precisamos de falar.

— Fala.

Correria bastante mal. Não precisava de me olhar ao espelho para perceber que usava a minha expressão enraivecida.

— Cara a cara — disse, não conseguindo evitar parecer que cuspi as palavras. Pensei melhor, mas era demasiado tarde. Seria extremamente doloroso. Não seria melhor deixar que a nossa relação se desintegrasse, evitando uma conversa que quase tinha a certeza de conseguir prever palavra por palavra?

— Não posso ir aí esta noite — disse Eric. Soava tão distante como se estivesse na Lua. — Há gente que espera ver-me e muito para ser feito.

E, mesmo assim, a sua voz permanecia vazia. Deixei a minha raiva crescer da forma súbita que ocorre quando me sinto tensa.

— O que há entre nós fica para segundo lugar. Podias, pelo menos, parecer incomodado — disse, com cada palavra clara e amargurada.

— Não fazes qualquer ideia do que sinto — retorquiu. — Amanhã à noite. — E desligou.

— Que se foda — exclamei.

Depois de me ter preparado para uma maratona de conversa, a dispensa brusca de Eric deixou-me transbordante de energia inutilizada.

— Odeio isto — disse à casa silenciosa. Liguei o rádio e comecei a dançar. Era algo que conseguia realmente fazer apesar de, naquele momento, o meu talento não ter qualquer importância. Era a atividade que contava. Empenhei-me. Pensei: *Talvez a Tara e eu possamos fazer um programa de dança como exercício*. Tínhamos feito números de dança juntas no liceu e seria mais fácil para Tara recuperar a sua forma assim (não que precisasse de referir isso quando lhe perguntasse). Para meu desencanto, arfava depois de dez minutos. Era uma lembrança nada subtil de que também precisava de fazer exercício regular. Forcei-me a continuar durante mais quinze minutos.

Quando desabei sobre o sofá, senti-me descontraída, exausta e a precisar de outro duche. Enquanto permanecia ali deitada, ofegando, reparei que a luz do atendedor de chamadas piscava. Na verdade, piscava muitas vezes. Tinha mais de uma mensagem. E era verdade que não verificava os *e-mails* há dias. Além disso, o telemóvel tocara enquanto tomava banho. Precisava de voltar a ligar-me ao mundo.

O atendedor de chamadas em primeiro lugar. Depois do primeiro *bip*, ouvi desligarem. Não reconheci o número. Seguiu-se uma chamada de Tara para me dizer que achava que a bebé Sara tinha alergias. Depois, um pedido para participar num inquérito importante. Não era demasiado surpreendente que, entre tanta comunicação emocionante, tivesse começado a pensar outra vez no processo legal.

Jane Bodehouse adorava luta-livre. Talvez, se ligasse ao único lutador que conhecia, um tipo chamado T-Rex, pudesse conseguir-lhe bilhetes junto ao ringue. Ficaria tão feliz que desistiria do processo contra o *Merlotte's*... se soubesse da sua existência.

Voltara a preocupar-me.

Depois das mensagens telefónicas, passei aos *e-mails*. A maioria sugeria que aumentasse o tamanho do meu pénis inexistente ou ajudasse advogados desesperados a retirar somas elevadas de África, mas uma era do meu padrinho, Desmond Cataliades, o advogado que era quase um demónio de sangue puro e que (segundo o meu ponto de vis-

ta) me oferecera o tormento da minha existência quando me concedeu o «dom» da telepatia. Do seu ponto de vista, conferira-me uma vantagem preciosa sobre os outros humanos. Recebera este dom ao nascer por ser neta do grande amigo do Sr. Cataliades, Fintan, e da amante deste... a minha avó, Adele Stackhouse. Não apenas era descendente de uma fada, como possuía a «centelha essencial». Fosse isso o que fosse. E era por isso que tinha a sorte de ser telepata.

O Sr. Cataliades escreveu:

Querida Sookie, regresssei a Nova Orleães, tendo resolvido os problemas que tinha com a comunidade sobrenatural local e feito algum trabalho de detetive crucial. Espero visitá-la muito em breve para verificar o seu bem-estar e para lhe transmitir algumas informações. Ouvi rumores acerca do que acontece na sua vida e esses rumores perturbam-me.

A mim também, Sr. C., a mim também. Respondi dizendo-lhe que estava bem e que também ficaria feliz por vê-lo. Não sabia se alguma dessas informações seria verdadeira, mas soava bem.

Michele, a noiva de Jason, escrevera-me dois dias antes do seu trabalho no stand de automóveis.

Olá, Sookie! Vamos fazer uma pedicura juntas amanhã! Tenho a manhã de folga. Que tal às nove na Rumpy?

Só fizera uma pedicura na vida, mas agradara-me e simpatizava com Michele. Mas não concordávamos na definição de tempo bem passado. No entanto, tornar-se-ia minha cunhada em breve e respondi com profundas desculpas por não ter lido o *e-mail* antes.

Tara também me enviara uma mensagem.

Olá, amiga. Gostei muito do nosso passeio. Tenho os calções vestidos agora, lol. Temos de fazer alguma coisa ao quarto dos bebés. Mal consigo enfiar lá dentro o meu rabo gordo. E achava que era grande antes de ter gémeos! Vou contratar uma babysitter para poder voltar a trabalhar em part-time. Envio-te umas fotografias dos bebés.

Não pareciam muito diferentes das fotografias que trazia consigo no dia anterior. Mesmo assim, respondi manifestando a minha admiração. Sei o que se espera de uma amiga. Pensei em formas de Tara e JB ampliarem o pequeno quarto dos bebês. Sam era muito habilidoso com a carpintaria. Talvez lhe pedissem.

Recebi uma mensagem escrita de Jason. «Trabalhas amanhã?» Assegurei-lhe que sim. Talvez precisasse de discutir algum pormenor do casamento, que seria tão informal como um casamento poderia ser.

Pensei em ligar a televisão, mas era verão e não valeria a pena. Em vez disso, leria. Peguei no primeiro livro da pilha sobre a minha mesa de cabeceira e agradou-me descobrir que era o último de Dana Stabenow. Era muito agradável poder ler sobre o Alasca num dia de verão com temperatura máxima de quarenta graus. Esperei poder ir lá um dia. Queria ver um urso *grizzly* e um glaciar e queria comer salmão fresco.

Dei comigo a segurar o livro com as duas mãos e a imaginar. Porque não conseguia concentrar-me na página, seria melhor preparar o jantar. Começava a ficar tarde. Fiz uma salada com tomates *cherry*, arandos secos e frango aos cubos. Tentei imaginar o tamanho que teria um *grizzly*. Nunca vira um urso em estado selvagem, apesar de ter encontrado pegadas na floresta por duas ocasiões, estando bastante segura de que pertenceriam a um urso-negro.

Senti-me melhor enquanto comia e lia, duas das minhas atividades preferidas.

Fora um dia longo com tudo o que acontecera e, quando me enfiei na cama, estava pronta para dormir. Um sono tranquilo sem sonhos. Era o que queria. E, durante algum tempo, consegui-o.

— Sookie.

— Mmm?

— Acorda, Sookie. Preciso de falar contigo.

O meu quarto estava bastante escuro. Até a pequena luz noturna que deixava acesa na casa de banho estava apagada. Mas soube, mesmo antes de captar o seu cheiro familiar, que Eric estava presente.

— Estou acordada — disse, continuando a esforçar-me para afastar o sono. O sobressalto ajudou muito. — Porque vieste a meio da noite sem avisar? Dei-te uma chave para emergências e não para visitas surpresa noturnas.

— Sookie, ouve-me.

— Estou a ouvir. — Apesar de não me agradar nada aquela abordagem.

— Tive de ser brusco ao telefone. Havia ouvidos a toda a volta. Não importa o que aconteça em público... não importa... não duvides que te amo e que me preocuparei com o teu bem-estar... tanto quanto me for possível.

Aquilo não era nada bom.

— E dizes-me isto porque me farás uma coisa má em público — disse, tristemente surpreendida.

— Espero que não seja necessário — disse, rodeando-me com os braços. Em tempos mais felizes, recordava que estar perto de Eric no verão era muito agradável porque a sua temperatura corporal era tão baixa, mas não estava na disposição correta para apreciar a sensação naquele momento. — Tenho de ir — disse ele. — Tive apenas uma hora durante a qual não dariam pela minha falta. Senti-me irritado quando salvaste Sam. Mas não posso ignorar-te como se me fosses indiferente. E não consigo deixar-te desprotegida durante a noite. A minha guardiã ficará aqui, se autorizares.

— Que guardiã? Está bem — disse, atordoada. Deixaria alguém no quintal?

Senti-o erguer-se da cama e, após um segundo, ouvi a porta das traseiras abrir.

Que raio?

Deixei-me cair sobre a cama e passei alguns minutos pensando se conseguiria voltar a adormecer. Olhei para o relógio. Onze e quarenta e cinco da noite.

— Claro. Entra e instala-te na minha cama. Não me importo — disse. — Por favor, acorda-me e prega-me sustos de morte. Adoro!

— Isso é um convite? — perguntou uma voz na escuridão.

Gritei.